PUC
RIO

ANNA LUIZA DE LACERDA PESSOA

SUBLIMAÇÃO : A TRAJETÓRIA DE UM CONCEITO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Departamento de Psicologia

Rio de Janeiro, 08 de janeiro de 1990

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
http://www.puc-rio.br

N.Chamada: 150 / P475 / TESE UC
Título: Sublimação :
0 0 4 4 1 5 6
Ex. 1-CENTRAL
1636

ANNA LUIZA DE LACERDA PESSOA

SUBLIMAÇÃO : A TRAJETÓRIA DE UM CONCEITO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador : Claudia Garcia.

Departamento de Psicologia

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, 08 de janeiro de 1990

UC 27 914-1

UNIVERSIDADE CATÓLICA
3823
B.B IOTÉCA
04/10/90
DO RIO DE JANEIRO
44156

150
P475
TESE UC

A Andréa e Marcelo,

meus filhos.

Meus agradecimentos

- A Claudia Garcia, pelo interesse e disponibilidade como orientadora;

- Ao Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, pela colaboração;

- A CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pela ajuda financeira recebida durante o curso;

- A Dra. Marialzira Perestrello, pela ajuda afetuosa;

- A todos os que me incentivaram na execução deste trabalho, em especial à Regina Landin.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é delinear a trajetória do conceito de sublimação na obra de Freud. A partir do rastreamento deste conceito ficou ressaltado que a sublimação é considerada por Freud como uma mudança do alvo da pulsão sexual intrínseca à motilidade pulsional.

Para refletirmos sobre a sublimação nos apoiamos na noção de conflito psíquico que é central na obra freudiana e procuramos então esboçar a evolução do conceito de pulsão e de ego, os dois polos do conflito psíquico. Relacionamos o primeiro com as noções de fantasia, repressão e fixação e o segundo com as noções de ego-prazer e ego-realidade, narcisismo e identificação.

Abordamos a sublimação a partir das noções de fantasia e simbolização articulando-as com os dois polos do conflito psíquico.

A sublimação seria correlata não apenas do ego-realidade, que corresponde à passagem das fantasias primitivas para a simbolização e representa a hegemonia do princípio de realidade sobre o princípio do prazer, mas também do ideal do ego, que pressupõe a capacidade de estabelecer identificações. Assim, a sublimação muda o status das fantasias primitivas por preservar a distinção entre realidade externa e realidade interna e reconcilia os dois princípios básicos do funcionamento psíquico. Daí

decorre a possibilidade da mudança do alvo da pulsão sexual para objetivos sociais e culturais. A energia empregada nesta mudança continuaria a ser a energia sexual já que ela se reporta à motilidade pulsional que caracteriza a pulsão de vida, cuja energia é sexual.

ABSTRACT

The aim of this dissertation is to delineate the path of the concept of sublimation in the work of Freud. In the review of this concept it was demonstrated that sublimation is considered by Freud as a change in the aim of the sexual drive, which represents drive motility.

In order to develop the discussion about sublimation we started our study by foccusing the concept of psychic conflict which plays a major role in the work of Freud. We then attempted to sketch the evolution of the drive and ego concepts, the two poles of the psychic conflict. The first one was related to the concepts of fantasy, repression and fixation, and the second one to the concepts of reality-ego and pleasure-ego, narcisism and identification.

We approached the study of sublimation by discussing the concepts of fantasy and symbolization articulating them with the notions of drive and ego. Sublimation does not only correlate with the reality-ego, which corresponds to the passage from primitive fantasies to symbolization and represents the hegemony of the reality principle over the pleasure principle, but also to the ego ideal, which implies the ability to stablish identifications. Therefore sublimation changes the

status of primitive fantasies as it preserves the difference between external and internal reality, and reconciliates the two basic principles of psychic functioning. This process brings the possibility of transforming the aim of the sexual drive into social and cultural objectives. The energy employed in the transformation would continue to be sexual, since it manifests drive motility which characterizes the life instinct whose energy is sexual.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 1

CAPÍTULO I

RASTREAMENTO DO CONCEITO DE SUBLIMAÇÃO 7

CAPÍTULO II

DA PULSÃO E SEU DESTINO 23

CAPÍTULO III

DA POSIÇÃO DO EGO 45

CAPÍTULO IV

DE UM PERCURSO 69

Da Fantasia 71

Da Simbolização 77

Sublimação : da fantasia à simbolização à fantasia ... 82

CONCLUSÃO 96

BIBLIOGRAFIA 105

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é estudar o conceito de sublimação na obra de Freud. Pensamos ser importante uma reflexão sobre o conceito de sublimação, já que ele está estreitamente ligado ao papel que, de acordo com a psicanálise, a sexualidade desempenha no desenvolvimento psíquico do indivíduo.

A sublimação indica a abrangência da sexualidade, uma vez que é considerada por Freud como um desvio do alvo da pulsão* sexual, que possibilita a inscrição do indivíduo no contexto social e a sua participação no processo civilizatório. Aqui a sublimação é entendida não somente como uma via única para a criação artística, mas ela se reporta também a toda e qualquer atividade do indivíduo que expressa uma ação produtiva de atuação no contexto social. Além disso, Freud parece conferir à sublimação um papel importante como uma via alternativa para a saída do conflito psíquico, que não resulta na formação de sintomas neuróticos.

A sublimaçaõ e a neurose representam duas formas diferentes de relação do indivíduo com a sociedade. Lembramos a esse respeito as palavras de Freud em "O interesse científico da

---

* O termo "trieb" introduzido por Freud em 1905 em nosso trabalho será traduzido por pulsão. No entanto, nas citações manteremos a tradução da Edição Standard Brasileira que optou por instinto.

psicanálise" (1913) :

> "Foi descoberto que os sentimentos sociais contém invariavelmente um elemento erótico... as neuroses são associais em sua natureza e visam sempre a impulsionar o indivíduo para fora da sociedade..." (Freud, 1913, pg. 223-224).

A sublimação seria alguma coisa que caracterizaria o desenvolvimento psíquico em oposição às neuroses.

Várias correntes dentro do campo psicanalítico apresentam contribuições para a compreensão do conceito de sublimação.

Na escola inglesa, Melaine Klein, e alguns seguidores, consideram a tendência à reparação como básica para a sublimação. O sentimento de reparação surge na posição depressiva que se segue à esquizo-paranoide, caracterizada pela clivagem do objeto através dos mecanismos de projeção e introjeção. Para Melaine Klein a posição depressiva corresponde à fase do desenvolvimento psíquico na qual o bebê reconhece um objeto total. Assim, quando surgem impulsos destrutivos em relação aos objetos, eles geram ansiedade pelo receio de perder não só o bom objeto externo, mas também o bom objeto introjetado. A depressão que daí advém mobiliza o desejo do bebê de reparar o objeto destruido. O desejo de reparação tem, portanto, origem numa fase precoce do desenvolvimento psíquico e, está relacionado inicialmente à fantasia onipotente. Na posição depressiva também tem início o processo de formação simbólica, ainda que a ní

vel arcaico, o que representa a elaboração da perda do objeto. A capacidade de reparar indica, assim, o estabelecimento de um objeto interno bom o que diminui a ansiedade e possibilita a capacidade criativa.

Winnicott nos fala da importância da criatividade que ele associa com a capacidade de sublimar, como significando a "abordagem do indivíduo à realidade" (1971) e, ressalta que ela está relacionada aos primeiros meses da vida do bebê. Quando a mãe satisfaz as necessidades do bebê ele sente como se tivesse criado as condições que possibilitaram satisfazer tais necessidades. A fantasia e a realidade então se mesclam, o bebê se torna o criador do mundo e acredita assim, que o mundo pode conter o que ele deseja. Isso possibilita que ele mais tarde seja capaz de brincar, o que implica numa confiança no ambiente, importante para seu equilíbrio afetivo e intelectual. O brincar, por sua vez, é que possibilita a experiência cultural. Ambos se localizam no "espaço potencial" (1971) existente entre o sujeito e o mundo ambiente, relacionado ao sentimento de confiança que remonta aos primeiros meses de vida do bebê.

Na psicologia do ego, Kris, ao refletir sobre a sublimação se reporta, sobretudo, à sua relação com a criação artística. A sublimação é, por ele, considerada como um dos mecanismos de defesa do ego, cujo processo consiste no deslocamento de energia de um objetivo socialmente inaceitável para outro a-

ceitável. A transformação da energia empregada para este segundo processo é, por ele, denominada de "neutralização". Todas as funções do ego são alimentadas pela "neutralização" das forças instintivas. Quanto à ciração artística, como uma forma de sublimação, Kris observa que a investigação psicanalítica demonstrou a importância do público no processo de criação, mesmo que o artista atribua esse papel a uma pessoa real ou imaginária. A arte tem, portanto, uma função de comunicação. As produções artísticas dos psicóticos não têm a finalidade de atingir um público. O objetivo do artista psicótico é dominar os demônios e exercer sobre eles um controle mágico. Assim, a arte regride de sua função de comunicação para a de feitiçaria.

As contribuições da escola inglesa e da psicologia do ego ajudam na reflexão sobre o conceito de sublimação. Nosso estudo, contudo, se restringirá ao estudo desse conceito na obra de Freud, por considerarmos que ele está pouco esclarecido dentro da teoria freudiana, sobretudo no que diz respeito a seu processo de formação.

A noção de conflito psíquico é considerada por Freud como sendo central na teoria das neuroses e, decorre do reconhecimento da resistência apresentada no tratamento psicanalítico pelo paciente, à medida que se aproxima dos conteúdos psíquicos tornados inconscientes pela repressão. Assim, quando Freud estabelece o método psicanalítico para o tratamento das neuro-

ses, o que o fundamenta é o reconhecimento de um conflito psíquico. A interpretação é utilizada com o objetivo de eliminar a resistência e possibilitar ao paciente ter acesso à parte psíquica reprimida. Fica, assim, evidenciado através da repressão, a existência de um conflito psíquico que impulsionou Freud a investigar a natureza da "alma humana" (Bettelheim, 1982).

O conflito é considerado, então, pela psicanálise como constitutivo do ser humano. Esta noçaõ de conflito psíquico permeia toda a obra de Freud. No entanto, ao longo da evolução do pensamento de Freud, esta noção é discutida a partir de perspectivas diferentes, ora em termos de um conflito entre sistemas, ora entre pulsões, ora entre instâncias.

É também esta noção de conflito psíquico que nos orientará para situarmos o conceito de sublimação na obra freudiana, já que a sublimação seria uma forma de resolvê-lo possibilitando o desenvolvimento psíquico do indivíduo e, sua maior participação dentro do contexto social.

No primeiro capítulo apresentamos um rastreamento do conceito de sublimação na obra de Freud, para melhor situá-lo dentro de sua teoria e também para tomarmos conhecimento dos demais conceitos que estão com ele articulados.

O segundo capítulo é dedicado à discussão do conceito de pulsão enquanto um dos polos do conflito psíquico enfatizado, sobretudo, na primeira tópica do aparelho psíquico. A ele

relacionamos os conceitos de fantasia, repressão e fixação que são, a nosso ver, relevantes para a compreensão do conceito de sublimação.

O terceiro capítulo é dedicado ao conceito de ego, outro polo do conflito, e nele apresentamos a evolução deste conceito na obra de Freud, cujo papel no conflito psíquico vai ser melhor precisado na segunda tópica. O papel do ego enquanto mediador entre as pulsões e a realidade externa, nos parece decisivo para a resolução que o conflito virá a apresentar, sobretudo no caso da sublimação, considerada como uma forma do indivíduo expressar suas potencialidades conciliando as forças que estão em jogo no conflito psíquico.

No quarto capítulo procuramos apresentar como se delineiam, na sublimação, as relações entre as forças pulsionais e o ego, através da discussão dos conceitos de fantasia e simbolização.

O último capítulo contém as conclusões a que chegamos no decorrer da discussão desenvolvida neste trabalho.

CAPÍTULO I

RASTREAMENTO DO CONCEITO DE SUBLIMAÇÃO

A fim de melhor situarmos na obra de Freud o conceito de sublimação pensamos que seria importante fazermos dele um rastreamento como uma forma de tomarmos contato com as diversas acepções em que o termo é apresentado dentro do percurso evolutivo do pensamento freudiano. Através deste rastreamento pretendemos também relacionar os conceitos mais relevantes para o estudo da sublimação que precisarão ser discutidos para que a articulação entre eles possibilite algumas reflexões sobre a sublimação e as suas diferentes conexões com o conjunto da teoria psicanalítica.

A primeira menção feita ao termo sublimação se encontra numa carta a Fliess de 02 de maio de 1897, num trecho intitulado "A Arquitetura da Histeria", onde Freud afirma :

> "O objetivo parece ser o de alcançar as cenas (sexuais) mais primitivas. Em alguns casos isso se consegue diretamente, porém em outros somente através de um desvio, por meio das fantasias. E isso porque as fantasias são fachadas psíquicas produzidas com a finalidade de impedir o acesso a essas recordações. As fantasias servem simultaneamente à tendência à aperfeiçoar as lembranças e à tendência a sublimá-las..." (Freud, 1897, pg. 241).

Assim a primeira articulação feita com o conceito de sublimação é com o de fantasia. As fantasias tanto podem resultar na repressão quanto facilitar a sublimação.

Apesar do termo sublimação ter sido apontado pela primeira vez em 1897, só em 1901 ele vai ser empregado na obra freudiana, em "Fragmentos de uma análise de um caso de histeria", quando Freud discorre sobre as perversões sexuais e afirma sobre elas :

> "São o desenvolvimento de germes os quais se contém, todos, na disposição sexual indiferenciada da criança e que, suprimidos ou desviados para objetivos sexuais mais altos - "sublimação" -, destinam-se a fornecer a energia para um grande número de nossas realizações culturais" (Freud, 1901, pg. 47).

Aqui Freud nos indica que a sublimação deriva da disposição sexual indiferenciada da criança, o que equivale a dizer das pulsões parciais que estão ligadas à diversidade das zonas erógenas. Portanto, o caráter sexual da sublimação é assinalado nesta passagem inicial da obra de Freud. Também neste texto é apontada a relação existente entre a sublimação e as realizações culturais.

Nos "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade" (1905), Freud apresenta a sua descoberta sobre a existência e a importância da sexualidade infantil no conflito psíquico, e descreve as fases do desenvolvimento sexual que são relacionadas ao desenvolvimento biológico : oral, anal, fálica, seguidas por um período de latência que vai até o início da puberdade, quando se inicia a fase genital.

No Capítulo I, item 2 da parte B, deste mesmo trabalho, intitulado "Os desvios em relação ao objetivo sexual", uma

nota de rodapé afirma que é a primeira vez que o termo sublimação é empregado. Nos dois textos anteriores acima citados, ele teria sido apenas mencionado. Em outro trecho deste mesmo capítulo Freud nos mostra como o tocar e o olhar estão ligados ao aparecimento de novos objetivos que se apoiariam no sexual.

> "As impressões visuais continuam a ser o caminho mais freqüente ao longo do qual a excitação libidinosa é despertada... Esta curiosidade busca completar o objeto sexual revelando suas partes ocultas. Pode contudo ser desviado (sublimado) na direção da arte, se seu interesse puder ser deslocado dos órgãos genitais para a forma do corpo como um todo..." (Freud, 1905, pg. 158).

Sublimar significa, então, uma mudança no objetivo sexual instigada pela curiosidade que diz respeito ao objeto sexual.

Ainda neste mesmo trabalho quando dedica um item ao instinto do saber, Freud afirma :

> "Esse instinto não pode ser contado entre os componentes instintivos elementares, nem pode ser classificado como pertinente exclusivamente à sexualidade. Sua atividade corresponde, de um lado, a uma maneira sublimada de obter domínio, ao passo que, de outro lado, utiliza a energia da escopofilia" (Freud, 1905, pg. 199-200).

Para Freud o instinto do saber é despertado de início pela curiosidade sexual. Assim, ele ao relacionar o instinto do saber com a sublimação nos indica que a sublimação também deriva da curiosidade sexual.

É ainda em 1905 que Freud coloca o processo de sublimação como tendo início no período de latência. Declara a esse

respeito :

> "Os historiadores da civilização parecem unânimes em admitir que poderosos componentes são adquiridos para toda espécie de realização cultural por este desvio das forças instintivas sexuais dos objetos sexuais e sua orientação para objetivos novos - processo que merece o nome de sublimação. A isto acrescentaríamos, por conseguinte, que o mesmo processo desempenha um papel no desenvolvimento do indivíduo e colocaríamos seu início no período de latência sexual da infância" (Freud, 1905, pg. 182-183).

Mais uma vez no mesmo trabalho de 1905 a sublimação é colocada como um desvio do alvo da pulsão sexual. Como o processo de sublimação se inicia no período de latência este desvio do alvo da pulsão sexual diria respeito às pulsões parciais como Freud já havia apontado em 1901.

No resumo do trabalho de 1905 Freud volta a se referir à sublimação quando apresenta três destinos possíveis da pulsão no percurso do desenvolvimento psíquico a partir das pulsões parciais. Estes destinos seriam : 1 - emergências das pulsões parciais sem modificações na vida adulta e o resultado seria uma vida sexual perversa; 2 - uma forte repressão das pulsões sexuais ocasionando a formação de sintomas neuróticos; 3 - a sublimação, outra via de escoamento encontrada para a sexualidade.

A sublimação se diferencia, portanto, da perversão e da neurose, duas diferentes formas de estruturação psíquica, no entanto, seu status enquanto uma forma de destino das pulsões parciais está impreciso no texto de 1905.

Em "Moral sexual civilizada e doença nervosa de nossos tempos" (1908), Freud afirma :

> "Esse instinto (sexual) coloca à disposição da atividade civilizada uma extraordinária quantidade de energia em virtude de uma singular e marcante característica, sua capacidade de deslocar seus objetivos, sem restringir consideravelmente a sua intensidade. A essa capacidade de trocar seu objetivo sexual original por outro, não mais sexual mas psiquicamente relacionado com o primeiro, chama-se capacidade de sublimação" (Freud, 1908, pg. 193).

Aqui a sublimação é colocada como uma forma de conciliar o antagonismo entre a civilização e a vida instintual. O desvio do alvo da pulsão se deve à sua motilidade em oposição à fixação que gera sintomas.

Em outro texto de 1908, "Fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade", Freud nos diz :

> "Quando posteriormente o sujeiro renuncia a esse tipo de satisfação, composto de masturbação e fantasia, o ato é abandonado e a fantasia passa de consciente a inconsciente. Se não obtém outro tipo de satisfação sexual, o sujeito permanece abstinente, se não consegue sublimar sua libido - isto é, se não consegue defletir sua excitação sexual para fins mais elevados - estará preenchida a condição para que sua fantasia inconsciente reviva e se desenvolva ..." (Freud, 1908, pg. 165).

Portanto, o ato de sublimar é aqui considerado como sendo uma das maneiras de resolver a satisfação até então obtida através das fantasias sexuais. Vale assinalar também os dois aspectos que a fantasia pode apresentar, consciente e inconsciente, porém existe uma indefinição quanto a esses dois aspectos da fantasia que reaparecem ao longo da obra freudiana.

Em "Cinco conferências sobre Psicanálise"(1910) Freud afirma que através do tratamento psicanalítico o conflito psíquico pode encontrar solução melhor que a repressão, dirigindo o desejo para um alvo de "maior valor social", sublimação do desejo, ou substituindo a repressão por um julgamento de condenação que a partir da atividade intelectual recusa de forma consciente a satisfação do desejo considerado inadequado. Neste trabalho, Freud comenta que o neurótico perde muitas fontes de energia mental "pela extirpação radical dos desejos infantis" (pg. 49), enquanto que na sublimação "a energia dos desejos infantis não se anula mas ao contrário permanece utilizável (pg. 50). Destas considerações Freud conclui que :

> "A repressão prematura exclui a sublimação de instinto reprimido; desfeito aquele, está novamente livre o caminho para a sublimação" (Freud, 1910, pg. 50).

Fica assim marcado o papel da repressão "prematura" no conflito psíquico o que impossibilita a sublimação, já que ela está estreitamente ligada à energia relacionada com os desejos infantis. Por sua vez, Freud assinala que o tratamento psicanalítico possibilita ao paciente lidar de forma diferente com seus desejos, sendo a sublimação uma dessas formas.

Em "Leonardo da Vinci" (1910), há algumas referências à sublimação. Analisando as vicissitudes do instinto de investigação, Freud as associa à repressão da sexualidade e nos apresenta as suas diferentes saídas : 1 - a investigação participa

do destino da sexualidade, acarretando uma inibição neurótica da curiosidade e das atividades intelectuais; 2 - a atividade de investigação sexual que fora reprimida retorna ao consciente em forma compulsiva, ficando sexualizadas as atividades intelectuais; 3 - não existe inibição do pensamento num pensamento compulsivo neurótico quando há sublimação das pulsões sexuais. Nas duas primeiras possibilidades de destino do instinto de investigação, este participaria da sexualidade infantil da qual se derivou, ora de forma inibida, ora compulsiva, o que dificultaria o seu desenvolvimento. No caso da sublimação a relação com a pulsão sexual difere das duas primeiras, na medida em que não resulta na formação de sintomas o que possibilita uma maior fluidez do pensamento.

Sobre esta relação entre curiosidade intelectual e pulsão sexual Freud nos diz ainda no trabalho sobre "Leonardo da Vinci" :

> "A observação da vida cotidiana das pessoas mostra-nos que a maioria consegue orientar uma boa parte das forças resultantes do instinto sexual para sua atividade profissional. O instinto sexual presta-se bem a isso, já que é dotado de uma capacidade de sublimação, isto é, tem a capacidade de substituir seu objetivo imediato por outros desprovidos de caráter sexual e que possam ser mais altamente valorizados." (Freud, 1910, pg.72).

Novamente é acentuada, na sublimação, a motilidade da pulsão sexual, dela derivando a mudança de seu alvo o que Freud já havia se referido em 1905 e 1908.

Num outro trecho deste mesmo trabalho, numa referência a Leonardo da Vinci, Freud observa que "devido à sua inclinação muito precoce para a curiosidade sexual, a maior parte das necessidades de seu instinto sexual pode ser sublimada numa tendência geral para o saber, fugindo, assim, à repressão" (pg. 74). Assim, a possibilidade de expressar a curiosidade sexual precoce facilita a sublimação, ocorrendo no caso uma substituição do objetivo imediato da pulsão sexual devido à sua motilidade.

Nas "Recomendações aos médicos que praticam a Psicanálise" (1912), Freud afirma que "nem todo neurótico possui elevado talento para sublimar; pode-se dizer que muitos não teriam adoecido se possuíssem a arte de sublimar seus instintos" (pg. 157). Mais adiante ele adverte:

> "É necessário termos em mente que muitas pessoas adoecem principalmente pela tentativa de sublimar seus instintos além do grau permitido por sua organização. Nas que possuem capacidade para sublimação o processo em geral efetua-se por si mesmo, quando suas inibições são superadas pela análise" (Freud, 1912, pg. 158).

Neste texto parece que Freud opõe a neurose à sublimação. Ele afirma, também, que nas pessoas que possuem capacidade para sublimar este é um dos resultados da análise, o que não exclui outras saídas para o tratamento psicanalítico. Já em 1910 Freud havia afirmado que nem toda saída para o tratamento psicanalítico é a sublimação. Ela é apenas uma das saídas pos-

síveis. Contudo, no texto de 1912 dá a impressão de que Freud vê a capacidade de sublimar como algo inato, um dom, cujo processo não nos é apreensível, apesar da ênfase no aspecto construido da sublimação, uma das possíveis saídas para o conflito psíquico.

No texto "Sobre o Narcisismo" (1914) a problemática da sublimação é retomada. Neste trabalho Freud investiga a natureza dos investimentos libidinais e discute as pulsões sexuais em relação com o objeto de seu investimento. Assim a fonte da libido é sexual, mas pode se dirigir para o próprio ego, libido narcísica, ou para um objeto do mundo externo, sendo chamada então de libido objetal. Dentro deste contexto, Freud considera que "a sublimação é um processo que concerne à libido objetal e consiste no desvio do instinto para outra finalidade remotamente relacionada à satisfação sexual. Neste processo a tônica recai na deflexão da sexualidade" (pg. 111).

Ainda em 1914, Freud diferencia também a sublimação da idealização. A sublimação descreve algo que concerne à pulsão; a idealização descreve algo que concerne ao objeto.

> "A sublimação é um processo que diz respeito à libido objetal e consiste no fato de o instinto se dirigir no sentido de uma finalidade diferente e afastada da finalidade da satisfação sexual... A idealização é um processo que diz respeito ao *objeto*; por ela, este objeto, sem qualquer alteração em sua natureza, é engrandecido e exaltado na mente do indivíduo. A idealização é possível tanto na esfera da libido do ego quanto na da libido objetal" (Freud,1914, pg.111).

Portanto, em 1914, assim como em 1905 e 1910, a sublimação é mais uma vez considerada como uma mudança no alvo da pulsão sexual. A natureza de seu investimento libidinal se refere à libido objetal, o que a diferencia da idealização que é possível tanto a nível da libido objetal quanto a nível da libido do ego, pois ela concerne à natureza do objeto.

É neste texto, de 1914, que Freud introduz os conceitos de ego ideal e ideal do ego, e sobre eles assim se expressa :

> "A formação de um ideal aumenta as exigências do ego e constitui o mais poderoso fator de repressão; a sublimação é uma saída, um meio pelo qual tais exigências podem ser obedecidas sem envolver a repressão" (Freud, 1914, pg. 112).

A sublimação representa, pois, uma determinada forma de relacionamento entre o ego e o seu ideal, que não envolve repressão como Freud já havia assinalado em 1910 e como volta a fazer em 1915. Assim, em "Os instintos e suas vicissitudes" (1915), Freud expõe as diferentes formas que as pulsões lançam mão para obter algum tipo de saída que propicie satisfação, mesmo às custas de um empobrecimento da vida psíquica. Ele declara então:

> "A observação mostra que um instinto pode sofrer as seguintes vicissitudes : reversão ao contrário, volta para si próprio, repressão e sublimação"(Freud, 1915, pg. 147).

A sublimação é um dos destinos da pulsão onde não ocorre repressão nem formação reativa. Ao opor a sublimação à

repressão e à formação reativa Freud, mais uma vez, marca a diferença existente entre sublimação e formação de sintomas, o que distingue a sublimação da neurose.

Em "Conferências introdutórias sobre Psicanálise" (1917), Freud ao mostrar que as pulsões parciais possuem grande capacidade de trocar de objeto substituindo-o por outro "mais facilmente acessível", nos diz :

> "A deslocabilidade e a facilidade de aceitar um substituto deve atuar poderosamente contra o efeito patogênico da frustração. Entre estes processos protetores contra o adoecer devido à privação, existe um que adquiriu especial significação cultural. Consiste no fato de a inclinação sexual abandonar seu fim de obter um prazer parcial ou reprodutivo e de adotar um outro que geneticamente se relaciona àquele que foi abandonado, mas que, por si mesmo, já não possui mais um caráter sexual, devendo ser descrito como social. A esse processo chamamos de 'sublimação'...." (Freud, 1917, pg. 404).

Ele observa mais adiante que "a sublimação jamais tem a capacidade de manejar senão determinada parcela de libido; acresce-se o fato de que muitas pessoas são dotadas apenas de uma escassa capacidade de sublimar" (pg. 404).

Mais uma vez é acentuada a oposição entre sublimação e sintoma. Freud nos mostra aqui que a frustração é um fator relevante na formação de sintomas e que na sublimação a frustração é amenizada pela possibilidade de substituir o objeto da pulsão parcial por outro mais acessível e sendo assim, a sublimação se constitui numa proteção contra o adoecer. É preciso notar também que a sublimação não significa, para Freud, um des

vio de toda a energia libidinal para outro objetivo que não seja sexual, mas apenas de parte dela.

No texto que inaugura a segunda tópica,"O ego e o id" (1923), ao estudar a formação do ego Freud ressalta o papel das identificações na estruturação psíquica. Neste texto ele assim nos fala sobre a sublimação :

> "A transformação de uma escolha objetal erótica numa alteração do ego constitui também um método pelo qual o ego pode obter controle sobre o id... A transformação da libido de objeto em libido narcísica que assim se efetua obviamente implica num abandono de objetivos sexuais, numa dessexualização - uma espécie de sublimação, portanto. Em verdade, surge a questão que merece consideração cuidadosa, de saber se este não será o caminho universal à sublimação, se toda sublimação não se efetua através da mediação do ego que começa por transformar a libido objetal sexual em narcísica e depois talvez possa fornecer-lhe outro objetivo" (Freud, 1923, pg. 44).

Freud ao ressaltar, em 1923, a importância da identificação para a estruturação do ego, considera que a identificação num primeiro momento corresponde a uma transformação da libido de objeto em libido narcísica o que equivaleria a uma dessexualização, "uma espécie de sublimação". No entanto, em textos anteriores apresentados neste rastreamento, Freud ao se referir à sublimação como um desvio do alvo da pulsão sexual não leva a entender que este desvio representa uma dessexualização. Pelo contrário, em 1914, ao se referir à sublimação e relacioná-la à libido objetal, que assim como a narcísica é de origem sexual, Freud parece sublinhar o caráter sexual da sublimação.

O texto de 1923 se contrapõe assim aos precedentes, onde Freud faz referência à sublimação e coloca a questão da relação entre ela e a sexualidade.

Ainda em 1923, Freud declara, que é imprescindível considerarmos o fato da existência na vida psíquica de uma energia deslocável. A respeito desta energia ele nos diz :

> "Se esta energia possível de deslocamento é libido dessexualizada, pode também ser descrita como energia sublimada, pois ainda reteria a finalidade principal de Eros - a de unir e ligar" (Freud,1923,pg.61).

Assim, em 1923, Freud aponta a relação entre sublimação e identificação, que ocorre quando a libido de objeto se transforma em libido narcísica. E coloca dentro do novo dualismo pulsional a sublimação como advinda da energia proveniente da pulsão de vida que visa unir e ligar. Vale lembrar que no novo dualismo pulsional a pulsão de vida engloba a pulsão sexual.

Em "O mal-estar da civilização" (1930), Freud discorre sobre a busca da felicidade e sobre os métodos empregados para alcançá-la. Uma forma de afastar o sofrimento e evitar a frustração do mundo externo é reorientar os objetivos pulsionais, "a sublimação dos instintos". A respeito da relação entre sublimação e civilização Freud declara :

> "A sublimação do instinto constitui um aspecto particularmente evidente do desenvolvimento cultural; é ela que torna possível às atividades psíquicas superiores, científicas, artísticas ou ideológicas, o desempenho de um papel tão importante na vida civiliza-

> da. Se nos rendêssemos a uma primeira impressão, diríamos que a sublimação constitui uma vicissitude que foi imposta aos instintos de forma total pela civilização. Seria prudente refletir um pouco mais sobre isso" (Freud, 1930, pg. 118).

Neste texto Freud indica o importante papel que a sublimação representa no processo civilizatório, a possibilidade de inscrição do indivíduo na sociedade. No entanto, ele coloca em questão o fato desta vicissitude da pulsão, a sublimação, ser acarretada unicamente pela civilização. O que nos faz pensar na importância, para a vicissitude da pulsão, da realidade psíquica.

Em "Novas conferências introdutórias à Psicanálise" (1933) Freud descreve mais uma vez o que entende por pulsão e suas vicissitudes, levantando a hipótese de que a satisfação pulsional possa ser substituída por outra. Esta questão é o cerne da problemática da sublimação considerada sempre como um desvio do alvo pulsional. Neste texto a sublimação é definida como :

> "Um determinado tipo de modificação de finalidade e de mudança de objeto, na qual se leva em conta nossos valores sociais, é descrito por nós como 'sublimação' " (Freud, 1933, pg. 121).

Aqui a sublimação não diria respeito apenas a mudança de alvo, mas também do objeto. O que nos reporta à definição, de 1915, do objeto da pulsão como sendo o que há de mais variável na pulsão. Assim nos parece que a mudança de objeto não se restringe à sublimação. No entanto, Freud assinala, ainda em

1915, que uma ligação "particularmente estreita do instinto com seu objeto se distingue pelo termo 'fixação' " (pg.143). Quando, então, em 1933, Freud fala em mudança de objeto em relação à sublimação parece que reforça a oposição entre a fixação que gera sintomas e a sublimação.

No trabalho póstumo, "Esboço de Psicanálise" (1938), Freud nos descreve pela última vez a evolução da libido pré-genital. A libido pode ser modificada pelo ego de três maneiras diferentes : pode ser suprimida ou reprimida, pode formar traços de caráter e, finalmente, pode ser sublimada.

Ao mostrar a relação entre a sublimação e a libido pré-genital, Freud, mais uma vez, ressalta a importância que , desde 1905, é colocada nas pulsões parciais, quanto às vicissitudes pulsionais. A sublimação se distingue, como já foi visto em vários textos apresentados neste rastreamento, tanto da repressão, quanto dos "traços de caráter" que se originam da solidificação dos mecanismos de defesa erigidos nas diversas fases do desenvolvimento psico-sexual.

A sublimação a partir dos textos apresentados neste capítulo, deriva das pulsões parciais e das fantasias delas decorrentes, assim como, também, a perversão e a neurose. No entanto, a sublimação delas se distingue tanto por não envolver repressão precoce, o que a opõe especificamente à neurose, em que ocorre fixação da libido, quanto por representar uma saída para

o conflito psíquico que possibilita a participação do indivíduo na esfera social, sem acarretar maiores sofrimentos - o que não ocorre nem na neurose nem na perversão. Isto nos remete ao início do processo da sublimação que, de acordo com Freud, ocorre no período de latência, quando a partir das identificações que substituem as primeiras escolhas objetais, o ego vai se estruturando.

Desta forma, o rastreamento da noção de sublimação, em Freud, mostra que o conceito de pulsão se apresenta como básico para o início do estudo sobre a sublimação, já que todo o caminho para o desenvolvimento psíquico é concomitante so destino das pulsões. Assim no próximo capítulo refletiremos sobre o conceito de pulsão e o articularemos com outros conceitos correlatos - fantasia, repressão e fixação.

CAPÍTULO II

DA PULSÃO E SEU DESTINO

A sublimação em vários textos apresentados no rastreamento que acabamos de expor é muitas vezes apenas mencionada em referência a outras questões discutidas por Freud. Em dois deles, no entanto, há uma aproximação do que se poderia considerar uma definição do termo.

Um desses textos é "Moral sexual civilizada e doença nervosa de nossos tempos" (1908), onde Freud afirma que a pulsão sexual tem como característica marcante a "capacidade de deslocar seus objetivos sem restringir consideravelmente sua capacidade" (pg. 193) e chama de sublimação a "essa capacidade de trocar seu objetivo sexual original por outro não mais sexual, mas psiquicamente relacionado com o primeiro" (pg. 193).

O outro texto é "O instinto e suas vicissitudes" (1915) onde a sublimação é definida como sendo um dos destinos da pulsão e seu destino expressa a motilidade da pulsão.

Inicialmente, portanto, é necessário abordarmos o conceito de pulsão e o papel que ele representa na dinâmica da vida psíquica para uma reflexão sobre o conceito de sublimação.

O primeiro dualismo pulsional, postulado por Freud, se dá entre as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação, ou do ego, e representa um conflito econômico em acordo com os dois princípios fundamentais do funcionamento psíquico, o princípio do prazer e o princípio de realidade.

A alucinação deriva da tentativa de reviver uma satisfação obtida a partir do preenchimento de uma função vital. Ela representa, também, a busca de uma descarga imediata para a tensão pulsional, que faz com que ela venha a marcar a passagem da ordem biológica para a ordem sexual. Portanto, de início, é o princípio do prazer que rege a vida psíquica, de acordo com o processo primário, no qual a energia psíquica escoa livremente de uma representação para outra, buscando reinvestir a vivência de satisfação original. Numa perspectiva genética, o princípio de realidade sucede ao princípio do prazer a partir do momento em que a satisfação esperada não é obtida através da alucinação. Surge, então, a necessidade de levar em conta a realidade externa com a instauração do princípio de realidade com o qual se relacionam as pulsões de auto-conservação, enquanto que as pulsões sexuais prescindem de reconhecimento da realidade externa e permanecem, de início, ligadas ao princípio do prazer. Por sua vez, o fato das pulsões de auto-conservação terem que considerar a realidade externa, afim de se satisfazerem faz com que elas, muitas vezes, tenham que adiar a obtenção da satisfação,

não podendo, assim, se guiar apenas pelo processo primário, dando início ao processo secundário, cuja energia é ligada. Por esta razão, como nos diz Laplanche e Pontalis (1967), a "oposição entre processo primário e processo secundário é correlativa da oposição entre princípio de prazer e princípio de realidade" (pg. 475). Freud, num artigo de 1911 em que trata destes dois princípios de funcionamento mental, afirma que o momento da passagem do princípio do prazer para o princípio de realidade difere em relação às duas classes de pulsões referentes ao primeiro dualismo pulsional - pulsões sexuais e pulsões de autoconservação -, pois as pulsões sexuais, de início, prescindem do princípio de realidade.

> "Os instintos sexuais comportam-se auto-eroticamente a princípio, obtém sua satisfação do próprio corpo do indivíduo, portanto, não se encontram na situação de frustração que forçou a instituição do princípio de realidade" (Freud, 1911, pg. 282).

Assim, ao contrário das pulsões sexuais que de início não levam em conta o princípio de realidade, a principal função das pulsões de autoconservação é o reconhecimento da realidade externa que encaminhará o início do processo secundário. Destas duas classes de pulsões que correspondem ao primeiro dualismo pulsional, as pulsões sexuais foram as primeiras a serem postuladas por Freud.

Em seus primeiros trabalhos sobre a histeria Freud descobriu, inicialmente, através da hipnose, que os sintomas

PUC-RIO

histéricos são determinados por fatores inconscientes e, simultaneamente, que o conteúdo do inconsciente diz respeito às pulsões sexuais. Baseado nos primeiros casos clínicos, Freud esboça, então, sua teoria da sedução como gênese do sintoma histérico, por acreditar que os relatos dos pacientes tivessem ocorrido dentro de um contexto real. No entanto, numa carta a Fliess, de 21 de setembro de 1897, Freud mostra seu desapontamento com sua teoria das neuroses, referindo-se especificamente à sua teoria da sedução como causadora dos sintomas histéricos. Reconhece que no inconsciente não há indicadores de realidade "de modo que não se pode distinguir entre a verdade e a ficção que foram catexizadas pelo afeto" (pg. 266). As cenas de sedução seriam, então, decorrentes da fantasia sexual e se prenderiam de forma preponderante ao tema dos pais. Ao final da carta declara, ressaltando a natureza de seu objeto de estudo :

> "Neste colapso de tudo o que é valioso, apenas o psicológico permanece inalterado" (Freud, 1897, pg. 267).

Nesta carta de 21.09.1897 fica patente que a fantasia é que constitui a vida psíquica. Como afirmou mais tarde, em "Novas conferências introdutórias sobre Psicanálise" ao se referir às fantasias que geram os sintomas neuróticos :

> "As fantasias possuem realidade psíquica, em contraste com a realidade *material*, e gradualmente aprendemos a entender que no *mundo das neuroses a realidade psíquica é a realidade decisiva*" (Freud, 1917, pg. 430).

Assim a relação estabelecida por Freud entre pulsão sexual e fantasia representa um importante papel na causação dos sintomas neuróticos.

Ao deduzir que os sintomas histéricos eram motivados por fantasias sexuais se fazia necessário afirmar a existência de uma vida sexual atuando desde cedo na infância. "Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade" (1905), apresenta a sua descoberta sobre a existência e a importância da sexualidade infantil nos conflitos dos adultos. Neste trabalho, Freud procura delimitar a gênese da sexualidade, como também apresentar de forma organizada as várias etapas de seu desenvolvimento. É o estudo das perversões que o leva a configurar a forma como se apresenta a sexualidade infantil. A sexualidade se manifestaria, de início, de maneira análoga ao comportamento sexual apresentado nas perversões.

O estudo das perversões como modelo para a descrição da sexualidade infantil trouxe duas descobertas fundamentais para o campo da sexualidade. A primeira dessas descobertas diz respeito a uma maior abrangência do termo sexual, que não mais se restringe apenas ao aspecto genital. Se o prazer das crianças se assemelha ao dos perversos é porque ele é obtido a partir de diversas zonas corporais assim consideradas erógenas. Às pulsões, que estão ligadas às diversas zonas erógenas, Freud denomina de pulsões parciais. Estas pulsões começam a funcionar

de forma independente e anárquica.

A segunda descoberta importante a que Freud chega a partir do estudo das perversões, é que o alvo da pulsão sexual, sua satisfação, é mais importante do que o objeto, que serve apenas como um meio para a sua consecução, sendo, portanto, contingente. A esse respeito, na conclusão do primeiro capítulo do texto de 1905, que trata das aberrações sexuais, ele comenta :

> "Parece notável que o instinto sexual seja em primeiro lugar independente de seu objeto, nem é provável que sua origem seja determinada pelos atrativos de seu objeto" (Freud, 1905, pg. 149).

O fato do objeto da pulsão, ao menos de início, ser contingente, nos parece apontar para o papel determinante da fantasia, assim como do fator econômico na vida psíquica. A fantasia surge da busca da satisfação, que não é encontrada na realidade externa, visando reduzir a frustração que desta advém. Assim a noção de fantasia estaria estreitamente ligada à noção de apoio, indicando a passagem do registro somático para o registro psíquico. A primeira definição de pulsão está inserida neste trabalho de 1905 em que Freud apresenta a sexualidade como norteando o desenvolvimento psíquico, o que nos faz pensar, neste momento, na importância da pulsão sexual como protótipo de toda pulsão.

> "Por 'instinto' deve-se entender provisoriamente o representante psíquico de uma fonte endossomática e contínua de excitação em contraste com um 'estímulo',

> que é estabelecido por excitações simples vindas de fora. O conceito de instinto é assim um dos que se situam na fronteira entre o psíquico e o físico. A mais simples e mais provável suposição sobre a natureza dos instintos pareceria ser que, em si, um instinto não tem qualidade, e no que concerne à vida psíquica deve ser considerado apenas como uma medida da exigência de trabalho feito à mente. O que distingue os instintos um do outro e os dota de qualidades é sua relação com suas fontes somáticas e com seus objetivos. A fonte de um instinto é um processo de excitação que ocorre num órgão, e o objetivo imediato do instinto consiste na eliminação deste estímulo orgânico" (Freud, 1905, pg. 171).

Os quatro elementos que especificam a pulsão - pressão, fonte, alvo e objeto - são desenvolvidos em "Os instintos e suas vicissitudes" (1915). A pressão representa a energia da pulsão, ressalta seu aspecto quantitativo. Por sua vez, o conceito de fonte coloca a gênese da sexualidade em fatores biológicos o que é expresso na noção de apoio, ou seja, que a pulsão é estabelecida a partir das funções vitais. Já o alvo da pulsão indica sua busca de satisfação, a obtenção do prazer exigido para reduzir a tensão proveniente de estímulos internos e externos. Finalmente, o objeto da pulsão é o meio através do qual a pulsão pode atingir sua finalidade e por esta razão é contingente. O fato do alvo da pulsão, a satisfação, ser privilegiado em detrimento do objeto nos mostra que o fator econômico ocupa, para Freud, um papel de destaque na compreensão da dinâmica pulsional. Tudo o que se opõe de imediato à obtenção da satisfação torna-se uma barreira para o destino da pulsão.

Ao colocar como contingente o objeto da pulsão, que representa o meio pelo qual a pulsão atinge o seu alvo, Freud não estava levando em conta a classe de pulsão que não pode prescindir da realidade externa, pulsões de autoconservação, como ocorre com a pulsão sexual que se satisfaz na fantasia.

Assim, no início da vida, quando se trata de saciar a fome desencadeada por um "estímulo orgânico" (Freud, 1905), a primeira barreira para o alívio da tensão e obtenção da satisfação esperada é a realidade externa. Se ela não for levada em consideração nenhuma satisfação pode advir. Dessa forma, estas pulsões,que visam a satisfação de necessidades vitais, se diferenciam desde o início das pulsões sexuais, que representam o princípio do prazer, por terem que levar em conta o princípio da realidade.

O conceito de pulsões do ego é apresentado em "As concepções psicanalíticas da perturbação psicogênica da visão" (1910).

> "Do ponto de vista de nossa tentativa de explicação, uma parte extremamente importante é desempenhada pela inegável oposição entre os instintos que favorecem a sexualidade, a consecução da satisfação sexual e os demais instintos que têm por objetivo a autopreservação do indivíduo - os instintos do ego"(pg.199).

Nesta diferenciação entre as pulsões, como nos diz Laplanche e Pontalis (1967), a noção de apoio toma o seu sentido principal que é o de estabelecer uma relação e uma oposição entre as pulsões sexuais e as pulsões de autopreservação, ou do

ego. A diferença principal entre elas é que, enquanto a satisfação das pulsões de autoconservação tem um "objeto imediatamente fixado", a satisfação obtida pelas pulsões sexuais não passa, de início, de "um benefício obtido à margem do funcionamento das primeiras" (Laplanche e Pontalis, 1967). Se a criança - ao chupar o dedo - numa tentativa de saciar a fome não atinge o objetivo esperado, outro tipo de satisfação surge neste momento através da alucinação e é exatamente a impossibilidade de encontrar a satisfação esperada através da alucinação que dá início à vida fantasmática, o verdadeiro registro psíquico. Uma outra satisfação é assim obtida, que independe de um objeto externo , prazer de ordem sexual que estaria apoiado de início nas funções vitais. Este é o tempo do auto-erotismo. Nas atividades auto-eróticas "seu objeto (da pulsão) é insignificante em comparação com o órgão que lhe serve de fonte, via de regra coincidindo com este órgão" (Freud, 1914, pg. 154). Assim, a noção de auto-erotismo nos parece demonstrar que na formulação do primeiro dualismo pulsional a preocupação maior de Freud era determinar a fonte da pulsão. Porém, em "Os instintos e suas vicissitudes" (1915), Freud conclui que o estudo das fontes pulsionais "está fora do âmbito da psicologia" (pg. 143). Isto nos mostra a sua hesitação em descriminar o campo biológico do campo psicológico, o que perdura apesar desta declaração de 1915 , ao longo de sua obra e se constitui uma fonte de discussão teó-

rica dentro do pensamento freudiano.

A respeito do objeto do auto-erotismo, vale lembrar como Laplanche, em "Vida e morte em Psicanálise" (1983), a ele se refere. Para ele o objeto real perdido é o leite, objeto da função e o objeto que está ligado ao retorno auto-erótico é o seio - "transformado em seio fantasmático - é ele próprio o objeto da pulsão sexual. Assim, o objeto sexual não é idêntico ao objeto da função, está deslocado em relação a ele, numa relação de contigüidade..." (pg. 27). Desta forma, no auto-erotismo, a ausência de objeto diz respeito à ausência de um objeto real, mas não de um objeto dentro de uma concepção psíquica, onde é ressaltada a importância da fantasia. A fantasia surge, pois, da ausência de um objeto real e instaura a vida psíquica, que está, assim, estreitamente ligada às pulsões sexuais. O princípio do prazer, enquanto domínio da fantasia, é identificado como aquele que prescinde de objetos reais, mas não de objetos. Aliás, foi precisamente a constatação de que as cenas de sedução relatadas pelos pacientes não haviam ocorrido na realidade, que levou Freud a reconhecer a existência de uma sexualidade infantil e o seu importante papel no desenvolvimento psíquico.

Se a descoberta do inconsciente se deve à constatação feita por Freud de que o sintoma era o resultado da repressão referente aos impulsos sexuais, e se, por sua vez, as pulsões

sexuais estão estreitamente ligadas às fantasias mais primitivas, estas também estão articuladas com a repressão. Assim, quando as fantasias permanecem estreitamente ligadas aos impulsos sexuais primitivos a repressão atua sobre elas; e se isto ocorre numa fase precoce do desenvolvimento psíquico, "impossibilita a sublimação" (1910), como nos diz Freud. Decorre daí, que da articulação estabelecida de início entre pulsão sexual e fantasia derivam saídas diferentes para o conflito psíquico. Assim, no resumo dos "Três Ensaios", Freud nos indica três caminhos diferentes do desenvolvimento psíquico-sexual que podem derivar das pulsões parciais, levando em conta diversos fatores, tanto internos como externos, que são :

a) a emergência das pulsões parciais sem modificação na vida adulta, cujo resultado seria uma vida sexual perversa;

b) a forte repressão das pulsões parciais ocasionando a formação de sintomas neuróticos;

c) a sublimação, outra via de escoamento encontrada para a sexualidade.

Ao colocar a possibilidade desses três caminhos do desenvolvimento sexual, a partir das pulsões parciais, Freud enfatiza a importância da sexualidade infantil na dinâmica psíquica, o que irá determinar a forma de resolução do conflito sem fazer nenhuma referência à repressão no que diz respeito às pul

sões de antoconservação, ou do ego. Assim, no texto sobre a perturbação psicogênica da visão, de 1910, em que Freud reforça a noção de apoio e introduz a noção de pulsão do ego, identificando-a com a noção de pulsão de antoconservação, o que, a nosso ver, ele salienta é a distinção entre consciente e inconsciente, quando declara que o paciente histérico fica cego, "como resultado de uma dissociação entre os processos inconscientes e conscientes no ato de ver" (pg. 199). Desta forma, o conflito que opõe as pulsões sexuais às pulsões do ego corresponde a um conflito entre consciente e inconsciente parecendo indicar que as pulsões sexuais estão sujeitas à repressão, o que não ocorre com as pulsões do ego, pois o ego é que aciona a repressão. Portanto, no texto de 1910, Freud já nos aponta o papel repressor do ego ao afirmar que quando o ego "sente-se ameaçado pelas exigências dos instintos sexuais os desvia através da repressão" (pg. 201). Este papel, repressor do ego, vai ser melhor delimitado na segunda tópica, pois na primeira tópica a ênfase recai no reprimido, já que a preocupação maior de Freud neste primeiro momento de suas investigações teóricas era precisar a natureza do inconsciente.

A importância para a psicanálise do estudo da repressão é expressa de forma clara e suscinta em "A História do Movimento Psicanalítico" (1914). "A teoria da repressão é a pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise"

(pg. 26). A repressão é um dos destinos da pulsão e difere da sublimação. No entanto, como o conceito de sublimação não está bem delineado na obra de Freud, sendo na maioria das vezes apresentado em oposição aos sintomas neuróticos, como negatividade, uma possível maneira de tentar esclarecê-lo seria através do conceito de repressão.

No artigo sobre a repressão, de 1915, Freud nos apresenta uma questão importante quanto ao destino da pulsão, a relação entre representação e afeto. Declara a esse respeito :

> "... é preciso considerar ao lado da representação alguma outra coisa que represente a pulsão e que esta alguma outra coisa sofre um destino de recalque que pode ser completamente diferente do da representação. Para designar este outro elemento de representante psíquico é admitido o nome quota de afeto ... A partir deste ponto, ao descrevermos um caso de repressão, teremos de acompanhar separadamente aquilo que acarrete a idéia como resultado de repressão e aquilo que acontece à idéia como resultado da repressão e aquilo que acontece à energia pulsional vinculada a ela" (Freud, 1915, pg. 176).

A repressão atua sobre a idéia, representante-representação, mas não interfere no afeto. A dissociação entre estes dois representantes pulsionais ocasiona a formação de sintomas. O impulso se mantém atuante mesmo através de sintomas que o substituem, pois a repressão se mostra ineficaz para anular o afeto a ela vinculado. Assim, o afeto é determinante para o destino da pulsão, pois a tentativa para torná-lo inoperante requer um dispêndio de energia psíquica contínuo. A energia psíquica, assim canalizada, impede a mudança do alvo pulsional, o

que implica na possibilidade dela ser dirigida para outros objetivos, como no caso da sublimação. A importância do afeto na resolução do conflito psíquico havia sido assinalado por Freud desde o início de sua elaboração da teoria psicanalítica. Já num texto de 1893, que escreveu junto com Breuer sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos, Freud comenta que "a lembrança sem emoção quase invariavelmente não produz nenhum resultado" (pg. 47). Esta mesma importância dada ao afeto está presente numa carta a Fliess de 21.05.1894, onde Freud mostra que cada um dos mecanismos utilizados pelas diferentes entidades clínicas expressam um destino diferente do afeto.

> "Conheço três mecanismos : o da transformação do afeto (histeria conversiva), o do deslocamento do afeto (idéias obsessivas) e o da troca de afetos (neurose de angústia e melancolia)"(Freud, 1894, pg. 74).

Laplanche e Pontalis (1967) nos dizem que o afeto é a expressão qualitativa da quantidade de energia pulsional. Esta relação entre a qualidade e a quantidade do afeto é que ocasionará a possibilidade, ou não, dele permanecer ligado à idéia que o acarretou. Na histeria, por exemplo, o desejo sexual em relação aos pais (qualidade), dada a sua intensidade, faz com que ele fique dissociado de sua representação ideativa. Assim, a qualidade e a quantidade do afeto é que motivariam a repressão. Como a sublimação é colocada como um outro destino da pulsão é de se supor que nela seja estabelecida uma relação diferente entre os dois representantes psíquicos da pulsão, a repre

sentação e o afeto.

Em "O Inconsciente" (1915), Freud estabelece uma outra distinção entre a representação e o afeto, ao afirmar que "a diferença decorre do fato de que as idéias são catexias basicamente de traços de memória - enquanto que os afetos e as emoções correspondem a processos de descarga, cujas manifestações finais são percebidas como sentimentos" (pg. 204-205).

Sobre esta colocação de Freud, André Green (1982) faz a seguinte observação :

> "Assim, representações e afetos estão vinculados a sistemas diferentes. A representação, ao sistema da memória (do traço), da retenção, da modificação do investimento, da concatenação, da ausência, da ritualidade, etc., o afeto, ao sistema da qualidade, da descarga, do esgotamento na não-conservação, da resistência à deformação e à associação..." (pg. 56).

O afeto é ingovernável e exige uma descarga, enquanto o traço mnêmico pode ser manejado, ou seja, pode ligar-se e combinar-se de diferentes maneiras. O afeto dissociado da idéia gera ansiedade e se torna um veículo para a desorganização psíquica que leva ao sintoma.

Acreditamos que o sintoma aponta para a natureza e a quantidade do afeto referente ao impulso, cuja idéia foi reprimida, mas que, em razão da ingovernabilidade do afeto pela sua intensidade, a ela se mantém ligado através das idéias substitutivas que se apresentam nos sintomas. Por sua vez, como nos diz Freud, "os sintomas neuróticos são substitutos da satisfa-

ção sexual" (1917). Assim a dissociação que ocorre na pulsão, entre a idéia e o afeto, indica que o impulso inicial não pode ser vivenciado, permanecendo a idéia retida no inconsciente, o que representa uma fixação libidinal que se opõe à motilidade pulsional que caracteriza a sublimação. Em 1917, ao se referir à fixação libidinal como um veículo para a formação de sintomas, Freud aponta a importância dos fatores internos na causação das neuroses. Assim, "a fixação libidinal representa o fator interno, predisponente, da etiologia das neuroses, ao passo que a frustração representa o fator externo, acidental"(pg.405). Ainda em 1917, Freud declara que "um desenvolvimento imperfeito da libido deixa atrás de si fixações libidinais muito férteis e, talvez, também, muito numerosas, em fases precoces da organização..." (pg. 405). A fixação precoce da libido facilita o caminho para a repressão, que ao dissociar a idéia do afeto acarreta ou inibição do pensamento, ou pensamento compulsivo, freiando, assim, a curiosidade sexual manifestada numa fase precoce do desenvolvimento psíquico, da qual deriva o instinto de investigação com o qual Freud associa a sublimação. Quando a possibilidade de expressar a curiosidade sexual precoce é reprimida, a capacidade criativa fica limitada, o que impossibilita a mudança do alvo pulsional que caracteriza a sublimação.

Em 1914, Freud, ao introduzir o conceito de narcisismo, possibilita uma nova abordagem para o conceito de sublima-

ção, ao situar o conflito psíquico, não mais entre pulsões sexuais e pulsões do ego, mas, sim, no âmbito da própria pulsão sexual, entre libido narcísica e libido de objeto, bem como ao reconhecer como imprescindível o papel que tanto o ego quanto o ideal do ego representam na dinâmica psíquica. Ao situar o conflito no âmbito da própria pulsão sexual o papel das pulsões do ego fica impreciso em relação ao conflito psíquico, o que mostra, ao mesmo tempo, a necessidade de rever o papel do ego na dinâmica psíquica. Portanto, este trabalho, de 1914, é decisivo não só em relação à reformulação do dualismo pulsional, como também, da reformulação da própria concepção do aparelho psíquico, mais especificamente, do papel que nele o ego representa.

O fato que marca este novo rumo de seus estudos sobre a pulsão é a constatação, a partir da observação das psicoses, de que o ego toma também a si próprio como objeto. Freud considera que o narcisismo observado nas psicoses representa uma regressão a uma fase anterior do desenvolvimento libidinal. E distingue, então, dois tipos de narcisismo - narcisismo primário e narcisismo secundário. Na psicose a libido é retirada dos objetos e se volta para o próprio ego, o que Freud chama de narcisismo secundário. Esta observação é importante, pois a sublimação em 1923, na nova formulação do aparelho psíquico, é associada com a retirada da libido objetal para a libido narcísica à volta à libido narcísica, apesar da sublimação apresentar

uma estrutura psíquica diametralmente oposta à da psicose. Seria, portanto, necessário o esclarecimento do emprego do termo libido narcísica para dois contextos tão diferentes. Em 1914, Freud especifica o que representa a volta à libido narcísica na psicose : a retirada do interesse do mundo externo - de pessoas e coisas. Ocorre, também, que o psicótico retira "sua libido de pessoas e coisas do mundo externo sem substituí-los por outras na fantasia" (pg. 90). Estas manifestações da libido narcísica apresentadas nas psicoses se opõem à sublimação, que ao contrário, como nos indica Freud, pressupõe um maior investimento libidinal em realizações sociais. Por esta razão, talvez, ao retomar a problemática da sublimação no texto de 1914, Freud a especifica como sendo "um processo que concerne à libido objetal e consiste no desvio do instinto para outra finalidade remotamente relacionada à satisfação sexual" (pg. 111).

Aqui, ao relacionar a sublimação à libido de objeto, Freud não fala em dessexualização, como o faz em 1923, pois ele nos diz que o desvio da pulsão sexual, que ocorre na sublimação, está, ainda que remotamente "relacionado à satisfação sexual" (pg. 111). O que nos remete à referência feita por Freud em relação ao instinto de investigação. Este decorreria da curiosidade sexual, e é uma via para a sublimação, quando se relaciona remotamente com a satisfação sexual, pois caso contrário o que ocorre é a inibição do pensamento.

A distinção entre libido de objeto e libido narcísica indica que a questão primordial levantada no texto de 1914 se refere à escolha de objeto, a natureza do investimento lidibinal, enquanto que o dualismo entre pulsões do ego e pulsões sexuais se reportava, primordialmente, à fonte da pulsão.

Outra distinção, colocada por Freud, entre as duas classes de libido, postuladas em 1914, é correlata da distinção que ele estabelece entre sublimação e idealização. Assim, enquanto a idealização diz respeito ao objeto do investimento libidinal, a sublimação diz respeito à natureza do investimento libidinal. Por esta razão a idealização é possível tanto no caso da libido do ego, quanto no da libido objetal, enquanto a sublimação se refere apenas à libido de objeto. Freud também discute em 1914 a causação das neuroses em relação à formação dos ideais, pois é neste texto que introduz as noções de ego ideal e de ideal do ego. O ideal do ego aumenta as exigências do ego, sendo assim um poderoso fator de repressão, ao passo que "a sublimação é uma saída, uma maneira pela qual suas exigências podem ser atendidas sem envolver repressão" (Freud, 1914, pg. 142).

Esta distinção, mais uma vez colocada, entre sublimação e repressão, dois destinos diferentes das pulsões sexuais, resulta aqui não apenas da natureza desses impulsos, mas também da compreensão da formação do ego e do ideal do ego que de-

le advém.

As reflexões sobre o narcisismo levaram Freud não apenas a reconsiderar as pulsões sexuais o que o leva a distinguir duas classes de libido-narcísica, ou do ego, e de objeto, como a reformular, em 1920, o dualismo pulsional introduzindo os conceitos de pulsões de vida e pulsões de morte. Existem, pois, três etapas na evolução de sua teoria das pulsões : na primeira, ele estende o conceito de sexualidade ao nos falar sobre as pulsões parciais; na segunda, introduz a questão sobre o narcisismo; e na terceira, ele ressalta o caráter regressivo das pulsões, sua compulsão à repetição, que é inseparável da noção de fixação. O reconhecimento destas características da pulsão, faz com que Freud, nesta terceira etapa de sua teoria pulsional introduza a noção de pulsão de morte, situando então o conflito pulsional na oposição entre pulsão de morte e pulsão de vida.

No novo dualismo a pulsão de vida reune as duas pulsões que até o momento se apresentavam como distintas, pulsão de auto-conservação, ou do ego, e pulsão sexual, que representavam a oposição entre o princípio do prazer e o princípio de realidade. A fixação da libido, que se apresenta como uma compulsão à repetição, levantou para Freud a hipótese de um novo princípio "para além do princípio do prazer", em acordo com a pulsão de morte que tende para a redução a zero da tensão acarretada pelas pulsões. Assim, o objetivo da pulsão de morte é

a volta a um estado fusional onde a satisfação seria total e imediata, de acordo com o que Freud, então, designa como princípio do Nirvana. Desta forma, o conflito psíquico entre o princípio do prazer e o princípio de realidade está situado na pulsão de vida, o que justifica o fato do princípio do prazer não poder alcançar a descarga absoluta e completa, o que o colocaria a serviço da pulsão de morte. A pulsão de vida, portanto, pressupõe a presença de uma tensão pulsional e a tentativa, sempre renovada, de diminuí-la, procurando conciliar os dois princípios do funcionamento mental, o princípio do prazer e o da realidade, ou seja, transformar a energia livre que corresponde ao primeiro, e atua de acordo com o processo primário, em energia ligada de acordo com o processo secundário.

Por outro lado, a pulsão de morte, ao buscar reduzir a zero a tensão pulsional, destroi toda e qualquer possibilidade de ligação. Esta característica principal da pulsão de morte, redução da tensão a zero, anula a dialética que Freud considerava como constitutiva do funcionamento mental, a relação estabelecida na busca de uma conciliação entre realidade interna e externa. Anular esta dialética equivaleria, acreditamos, à morte de toda pulsão. Ora, se a compulsão à repetição indica fixação e está relacionada à pulsão de morte, a sublimação, como desvio do alvo da pulsão sexual, assim como expressão da motilidade da libido, diria, então, respeito à pulsão de vida,

cuja energia por ser ligada possibilita o estabelecimento constante de novas associações entre os representantes ideacionais da pulsão. O que nos reporta ao papel do ego no conflito psíquico a fim de realizar o processo de sublimação. Este papel do ego relativo à energia ligada que caracteriza a pulsão de vida foi assim expresso por Freud :

> "Servindo para instituir este conjunto unificado que caracteriza o ego ou a tendência deste, limitar-se-ia sempre à intenção principal de Eros, que é de unir e ligar" (Freud, 1938, pg. 174).

Assim, unir e ligar, objetivo da pulsão de vida, se relaciona com o ego, pois dizem respeito ao processo secundário pelo qual o ego é responsável.

Apesar de termos visto que no decorrer de sua obra, Freud repensa e reformula o dualismo pulsional, modificando assim a compreensão da dinâmica psíquica, prevalece em todas as suas revisões teóricas o conceito de pulsão sexual e o seu importante papel no conflito psíquico, pois todas as formas de saída do conflito psíquico estão com ela articuladas.

No caso da sublimação, o papel das pulsões sexuais no jogo das forças conflituais é minimizado pela mediação do ego, o que fica manifesto através do maior investimento libidinal em realizações culturais e sociais, que a caracteriza.

No próximo capítulo procuraremos discutir o papel do ego no conflito psíquico afim de darmos mais um passo para a reflexão do conceito de sublimação.

CAPÍTULO III

DA POSIÇÃO DO EGO

Neste capítulo procuraremos situar o papel que o ego representa como o outro polo do conflito psíquico. Faremos então um esboço da evolução do conceito de ego na obra freudiana, ressaltando os conceitos que consideramos básicos para compreendermos a formação do ego, tais como, ego-prazer/ ego-realidade, narcisismo e identificação. Acreditamos que estes conceitos relativos à formação do ego determinariam o papel do ego como agente dos mecanismos de defesa e, sendo assim, indicariam a forma como o ego atua no confronto com as pulsões que constituem o outro polo do conflito psíquico.

Na primeira tópica do aparelho psíquico o ego não é considerado como uma instância psíquica e, sim, como a totalidade do sujeito, o eu, e a ele são atribuídas duas funções principais : a autoconservação e o reconhecimento da realidade. O conflito se dá a nível pulsional e o ego é, então, responsável por uma das duas classes de pulsões que constituem o primeiro dualismo pulsional, as pulsões de autoconservação ou do ego, que se opõem às pulsões sexuais. O ego, através das pulsões de autoconservação, é responsável pela necessidade de se levar em conta a realidade externa, sem o que a satisfação corresponden-

te às funções vitais não é alcançada. Desta forma, cabe ao ego estabelecer uma distinção entre realidade externa e realidade interna, enquanto as pulsões sexuais podem obter satisfação de forma fantasmática. Esta distinção entre as pulsões no que se refere à distinção entre realidade externa e interna desempe - nha um papel importante tanto na sublimação quanto no desenvolvimento da neurose.

> "Parte essencial da disposição psíquica à neurose reside na demora em ensinar os instintos sexuais a considerar a realidade..." (Freud, 1911, pg. 282-283).

Por sua vez, essa distinção entre realidade interna e realidade externa nos reporta aos dois princípios básicos do funcionamento mental - princípio do prazer e princípio de realidade - que de início estão estreitamente ligados a duas classes de processos, o primário e o secundário.

Em "A interpretação dos sonhos" (1900), Freud associa a passagem do processo primário para o processo secundário a dois tipos de identidade que o sujeito busca a fim de integrar a realidade interna com a externa, cada uma delas representando uma etapa no percurso para a apreensão da realidade externa. A identidade de percepção busca uma representação, através da alucinação, para a vivência de satisfação original, portanto, prescindindo da realidade externa, guiando-se pelo processo primário cujo objetivo é a descarga imediata da pulsão tensional. A identidade de pensamento permite o adiamento da satisfa

ção pois tem por objetivo libertar os processos psíquicos da regulação exclusiva pelo princípio do prazer e, portanto, age de acordo com o processo secundário. Ao definir a função do pensamento, Freud deixa claro que cabe a ele veiculado pelo ego reduzir o conflito psíquico possibilitando novos caminhos para as idéias vinculadas às pulsões.

> "O pensamento tem de preocupar-se com os caminhos de ligação entre idéias, sem deixar-se extraviar pelas intensidades dessas idéias" (Freud, 1900, pg. 840).

Ao expormos estes dois tipos de identidade, postulados por Freud em 1900, pretendemos assinalar o fato de que mesmo antes da nova formulação do aparelho psíquico, Freud ao ressaltar a importância da identidade de pensamento para o desenvolvimento psíquico correspondente ao processo secundário, e que só é possível com a introdução do princípio de realidade, já anunciava o papel relevante do ego em relação ao conflito psíquico. Estas duas noções de identidades - de pensamento e de percepção -, nos parecem estar, por esta razão, ligadas à evolução do conceito de ego expresso nas noções de ego-prazer e ego-realidade através das quais Freud, no decorrer de sua obra, nos apresenta a maneira como se dariam os primórdios da formação do ego.

A distinção entre ego-prazer e ego-realidade é apresentada pela primeira vez em 1911 num artigo que trata, justamente, dos dois modos básicos do funcionamento mental sendo ela

discutida do ponto de vista econômico, através da oposição entre o princípio do prazer e o princípio da realidade.

> "Tal como o ego-prazer nada pode fazer a não ser querer, trabalhar para produzir prazer e evitar o desprazer, assim o ego-realidade nada necessita fazer a não ser lutar pelo que é útil e resguardar-se contra danos" (Freud, 1911, pg. 283).

Em dois outros artigos, escritos em 1915 e 1925, a ênfase recai sobre a relação do ego com o mundo externo, e é exatamente neles que os conceitos de ego-prazer e ego-realidade estão mais desenvolvidos e melhor delimitados.

Para Freud, em 1915, o desenvolvimento do ego que o permite distinguir realidade externa de realidade interna ocorre sob a égide do princípio do prazer/desprazer, que é correlativa da gênese da oposição sujeito (ego)-objeto (mundo externo). Segundo Freud, este desenvolvimento se caracteriza pela passagem do que ele denomina de ego da realidade original para o ego do prazer purificado. O ego da realidade original corresponde ao ego que se satisfaz de forma auto-erótica quando o mundo externo lhe é indiferente. No entanto, as pulsões de autoconservação, ao mesmo tempo que levam o ego a tomar conhecimento da realidade externa, levam-no também a se dar conta de que não consegue evitar o desprazer proveniente de outros impulsos, os impulsos internos. Sendo assim, o ego se desenvolve guiado pelo princípio do prazer em sua busca de satisfação, a qual entra em confronto com as frustrações que a realidade externa lhe

impõem.

> "Na medida em que os objetos que lhe são apresentados constituem fontes de prazer ele os toma para si próprio, os 'introjeta' e, por outro lado, expele o que quer que dentro de si mesmo se torne uma causa de desprazer" (Freud, 1915, pg. 157).

Assim, o ego coincide com o prazer, e o mundo externo com o desprazer, e é a partir do reconhecimento de uma realidade externa, que limita a consecução do princípio do prazer, que surgem os primeiros mecanismos de defesa do ego, introjeção e projeção. Estes dois mecanismos representariam o único recurso de que o ego, ainda frágil, poderia dispor para não submergir aos impulsos internos, o que dificultaria o estabelecimento de seus limites e o seu desenvolvimento.

A introjeção e a projeção nos mostram que o papel da fantasia, na vida psíquica, não está apenas estreitamente relacionado com as pulsões sexuais pois o ego, de início, ao buscar os seus limites também se apoia na fantasia como uma forma de pensamento onipotente.

Em "A Negativa" (1925), já dentro da segunda tópica, mais uma vez é feita a distinção entre ego-prazer e ego-realidade. Freud introduz este artigo mostrando que a negativa, expressa pelo paciente, representa em parte a suspensão da repressão, mas não a aceitação do reprimido.

> "Assim, o conteúdo de uma imagem ou idéia reprimida pode abrir caminho até a consciência com a condição de que seja negado" (Freud, 1925, pg. 295).

Freud ao investigar a origem do julgamento, conclui que ele está fundado no teste de realidade. Afirmar ou negar o conteúdo dos pensamentos é função do julgamento intelectual. Assim, o objetivo do julgamento intelectual é verificar se uma idéia existe no real, o que é realizado pelo ego-realidade definitivo que se desenvolve a partir do ego-prazer.

O pensar não se restringe à percepção, que apenas atribui uma qualidade ao objeto, por seu intermédio algo que foi percebido é reproduzido como representação sem que para isto seja necessário a presença do objeto externo.

> "O objetivo primeiro do teste de realidade é não *encontrar* na percepção real um objeto que corresponde ao representado, mas *reencontrar* tal objeto, convencer-se de que ele está lá" (Freud, 1925, pg. 298).

Assim, a condição para o estabelecimento do teste de realidade se dá a partir da perda dos objetos que trouxeram satisfação. Da capacidade de pensar decorre, então, a antítese entre subjetivo e objetivo, ou seja, a delimitação de "um fora" e "um dentro" veiculada pelo ego-realidade. Assim, o conceito de julgamento intelectual está muito próximo do conceito de identidade de pensamento exposto por Freud em 1900. Ambos decorrem do teste de realidade que demonstrou "ao indivíduo que não só é importante uma coisa (um objeto de satisfação para ele) possuir o atributo de 'bom', assim merecendo ser integrado ao ego, mas também que ele esteja no mundo real" (pg. 298).

Desta forma o julgamento intelectual preenche a lacu-

na entre a primeira satisfação obtida, veiculada pela percepção que se orienta pelo princípio do prazer, e a satisfação procurada no presente. A possibilidade de preencher esta lacuna nos indica o desenvolvimento da capacidade de simbolizar do ego, que corresponde ao início do processo secundário, que é expresso, tanto na identidade de pensamento, quando no julgamento intelectual, o que indica a passagem do ego-prazer para o ego-realidade. A importância desta transição para o desenvolvimento do ego é indicada por Freud de forma clara em "Novas Conferências introdutórias à psicanálise" :

> "A transição do princípio do prazer para o princípio de realidade é um dos passos na direção do desenvolvimento do ego" (Freud, 1917, pg. 417).

Ao final do artigo sobre "A Negativa", Freud associa as duas espécies de julgamento - afirmativa e negativa - com as duas classes de pulsões postuladas no novo dualismo pulsional - as pulsões de vida e as pulsões de morte. Para esclarecer esta articulação feita por Freud, nos remeteremos à relação entre identidade de percepção e vivência de satisfação original estabelecida por Freud em 1900.

Segundo Laplanche e Pontalis, a expressão "vivência de satisfação" deixa de ser mencionada, na obra freudiana, a partir de 1900. No entanto, as noções a ela relacionadas permanecem na obra de Freud, como no texto de 1925 onde é, mais uma vez, sublinhado o caráter irredutível da satisfação originária

e a sua função decisiva para a procura ulterior dos objetos. A vivência de satisfação está ligada à imagem do objeto que a proporcionou. Como isto ocorre numa fase muito precoca da vida, em que o ego ainda não descrimina interno de externo, a criança não tem condições de se certificar da presença real do objeto. Desta forma, um investimento muito intenso da imagem do objeto faz com que ela pareça corresponder a uma percepção real. Assim, a busca desta "vivência de satisfação" está relacionada com a fragilidade inicial do ego diante da impossibilidade de apaziguar a tensão pulsional levando em conta o teste de realidade. Ele atua, portanto, de acordo com o princípio do prazer e o processo primário. Esta noção, vivência de satisfação, está, a nosso ver, articulada com a relação estabelecida por Freud, em 1925, entre a afirmativa e a pulsão de vida e entre a negativa e a pulsão de morte. A afirmativa, como representante da pulsão de vida, expressa a capacidade de unir e ligar, enquanto a negativa, como representante da pulsão de morte, expressa uma expulsão, uma força desagregadora. A capacidade de unir representa não apenas a pulsão de vida, mas também a atividade mental do ego, que o faz estabelecer uma relação entre a realidade interna e a realidade externa. Ela também corresponde a uma transformação de energia livre, em energia ligada, o que caracteriza o processo secundário. A energia ligada procura vincular o afeto a uma representação, dois aspectos referen

tes às pulsões, o que denota uma maior integração do ego. Em contrapartida, a expulsão expressa na negativa, e que representa a pulsão de morte, nos indica a fragilidade do ego diante das forças pulsionais, sua dificuldade em integrar afeto e representação, como exemplificado na repressão que acarreta a formação de sintomas.

As características que levam Freud a estabelecer uma analogia entre a negativa e a pulsão de morte estão relacionadas com o ego-prazer, enquanto as que levam Freud a estabelecer uma analogia entre a afirmativa e a pulsão de vida se relacionam com o ego-realidade. Estas duas analogias representam por sua vez, tanto a transição da identidade de percepção para a identidade de pensamento, quanto a transição do princípio do prazer para o princípio de realidade. Estas transições indicam a possibilidade do ego ir se estruturando através de uma maior discriminação entre realidade interna e realidade externa.

A predominância de uma pulsão sobre a outra acarreta diferentes saídas para o conflito psíquico a partir do papel que nelas o ego representa. Freud, ao relacionar a negativa com a pulsão de morte, também nos aponta uma relação entre elas e a busca da vivência de satisfação, pois a pulsão de morte tende para o retorno a um estado anterior - aqui representado pela vivência de satisfação - expressando de forma eminente o cará-

ter repetitivo da pulsão* assim como o caráter irreal de sua busca de satisfação. O caráter irreal da busca de satisfação, que é expresso na pulsão de morte, encontra-se, em certa medida, no sintoma neurótico que denota "o caráter irreal da satisfação neurótica e a desatenção entre fantasia e realidade" (Freud, 1915). Desta forma, o sintoma representa a busca da libido para reproduzir determinado modo de satisfação anteriormente obtido o que indica uma fixação libidinal. A sublimação, por se opor aos sintomas neuróticos, se colocaria, então, ao lado da pulsão de vida, indicando, por sua vez, a mediação feita através da atividade psíquica do ego entre fantasia e realidade, o que possibilita simbolizar a perda do objeto e dar um novo rumo à busca de satisfação por prescindir da identidade de percepção, apresentando, assim, uma motilidade pulsioanl. Portanto, pulsão de vida, ego e sublimação, estão de forma interdependente relacionados.

Se a questão referente à distinção entre ego-prazer e ego-realidade é importante para a compreensão do conceito de ego para Freud, também a noção de narcisismo introduzida em

---

* Para Laplanche e Pontalis, o fato de Freud reconhecer na pulsão de vida o que antes designava como pulsão sexual, coloca em questão o status da pulsão sexual, apresentado no primeiro dualismo pulsional, no qual ela representava o caráter desagregador e repetitivo da pulsão, que no novo dualismo caracteriza a pulsão de morte, enquanto a sexualidade passa paradoxalmente para o lado da ligação.

1914 se constitui numa outra questão importante a ser considerada para compreendermos a evolução do conceito de ego na obra freudiana. É da relação do indivíduo com a realidade externa que deriva o novo dualismo a nível libidinal, proposto, em 1914, entre libido narcísica ou do ego e libido objetal. Estes dois tipos de investimentos libidinais representam dois tipos de escolhas de objeto, sendo que uma delas recai sobre o próprio ego. Ao contrário do auto-erotismo cuja satisfação advém de um objeto fragmentado, o investimento libidinal narcísico do ego se dirige ao objeto total. A distinção entre auto-erotismo e narcisismo é expressa por Freud em 1914, quando declara :

> "... uma unidade comparável ao ego não pode existir no indivíduo desde o começo; o ego tem de ser desenvolvido. Os instintos auto-eróticos, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao auto-erotismo - uma nova ação psíquica - a fim de provocar o narcisismo" (Freud, 1914, pg. 93).

Este fato leva Laplanche a concluir que, no texto de 1914, o ego aparece "antes da 'segunda tópica', como instância" (1982). Sendo assim, poderíamos, também, deduzir que a passagem do auto-erotismo para o narcisismo representa um passo na delienação do ego.

Em "Luto e Melancolia" (1917), Freud dá prosseguimento à análise do narcisismo onde a questão, colocada em 1914 sobre a relação do mundo externo com o mundo interno, correlativa ao desenvolvimento dos limites do ego, é expressa sob um novo

ângulo, a partir de duas reações diferentes à perda de um objeto de amor.

> "No luto é o mundo que se torna pobre e vazio, na melancolia é o próprio ego" (Freud, 1917, pg.278).

Nesta ocasião, dentro ainda da primeira tópica, Freud sustenta que esta diferença se deve ao teste de realidade, pelo qual o ego é responsável e que no luto se mantém preservado, enquanto que na melancolia é anulado não havendo, portanto, discriminação entre interno e externo. Quando discute em 1917 estas duas reações à perda de um objeto, Freud faz uma importante articulação entre narcisismo e identificação. Na melancolia o investimento libidinal que se dirigia para objetos externos se volta para o próprio ego. O que possibilita este retorno é a substituição de um investimento dirigido para um objeto por uma identificação, no caso uma identificação narcísica. Daí decorre a perda da auto-estima observada na melancolia, pois a perda do objeto é sentida como a perda do próprio ego. Vários autores, sendo o primeiro deles Abraham (1911), observaram que na depressão, que caracteriza a melancolia, existe uma estreita relação com a fase oral do desenvolvimento psíquico-sexual e, portanto, associam a identificação narcísica com a incorporação oral. Ora, se a identificação narcísica é estabelecida numa fase tão precoce do desenvolvimento psíquico, é de se supor que o ego ainda rudimentar não tenha podido estabelecer uma discriminação mais nítida entre externo e interno que vai delineando

os seus limites. A melancolia expressa esta tênue delimitação do ego, pois a perda do objeto amado é sentida como uma perda do próprio ego. Poderíamos, assim, neste caso, falar de uma instabilidade do ego derivada de sua estreita dependência do objeto externo do qual retira suas provisões narcísicas.

Freud, em 1917, nos fala em relação à melancolia, não apenas de uma identificação narcísica, mas também de uma "separação entre a atividade crítica do ego e o ego enquanto alterado pela identificação" (pg. 282), que se manifesta nas recriminações que o melancólico dirige ao próprio ego, o que também aponta para uma indiscriminação entre realidade externa e realidade interna.

Portanto, as diferenças apresentadas entre luto e melancolia giram em torno da estruturação do ego, tanto em razão da identificação narcísica, quanto em razão da separação que uma atividade crítica opera no próprio ego.

Estas observações, feitas a partir do estudo da melancolia, levarão Freud a situar de outra fórma o papel do ego no conflito e na dinâmica psíquica, quando reformula, em 1923, a sua concepção do aparelho psíquico. Tanto a importância da identificação para a estruturação do ego, quanto da atividade crítica do ego, conceituada em 1923 como superego, serão relacionadas ao período de latência como decorrendo da dissolução do complexo de Édipo. Já que a sublimação tem início no perío-

do de latência tanto a natureza da identificação como a do superego são importantes para a sua compreensão.

Como vimos na melancolia, não apenas a identificação narcísica, que aponta a permanência de um mecanismo de defesa como a projeção contemporânea do ego-prazer, como também a forma do superego se estabelecer acarretando uma cisão no ego, não possibilitam uma saída satisfatória para o conflito psíquico devido à falta de integração do ego. Já que a sublimação se opõe aos distúrbios do ego, por possibilitar uma saída mais satisfatória do conflito psíquico, temos que supor que não só nela ocorra outro tipo de identificação, como também que o superego não se apresente de forma tão severa que resulte na cisão do ego.

Com a introdução da segunda tópica, em 1923, o papel do ego no conflito psíquico é revisto. Nela o ego ocupa um papel de relevo em decorrência da mudança de ênfase, da teoria da libido para uma teoria estrutural. Esta reformulação do aparelho psíquico resulta do fato de Freud haver constatado que o ego também é em parte inconsciente. Assim, ser inconsciente não especifica mais um sistema, mas qualifica as instâncias psíquicas - id, ego e superego - trazendo várias modificações para a compreensão da dinâmica psíquica, que se situa na relação estabelecida entre estas três instâncias. Nesta relação o papel do ego é ressaltado pois a ele cabe agenciar a relação entre o

id e o superego.

Na segunda tópica o inconsciente deixa não apenas de ser um sistema, mas também de ser o polo pulsional do psiquismo. Ele era assim considerado em virtude de seus conteúdos se constituirem pelos representantes da pulsão, representação e afeto, e se referirem às pulsões sexuais, regidas pelo processo primário de acordo com o princípio do prazer. Isto porque as pulsões de autoconservação veiculadas pelo ego se caracterizavam pelo fato de terem que levar em conta a realidade externa , e sendo assim introduziam o processo secundário. Na segunda tópica o id é o polo pulsional e busca algo "para além do princípio do prazer", a partir da formulação da pulsão de morte decorrente do novo dualismo pulsional postulado por Freud em 1920. A pulsão de morte não se satisfaz com a redução da tensão pulsional, o seu objetivo é a anulação da tensão. O id engloba os dois tipos de pulsões do novo dualismo constituido pela pulsão de vida, que engloba a pulsão sexual e à pulsão de autoconservação, e pela pulsão de morte. Assim, a partir de 1920, as pulsões do ego perdem a sua autonomia, o que faz com que o ego não seja mais definido a partir de um tipo de energia pulsional específica.

A mudança de enfoque apresentada por Freud na segunda tópica derivada da constatação de que o ego é, em parte, inconsciente, leva-o a refletir sobre o que significa tornar-se cons-

ciente. Desta reflexão Freud conclui que uma coisa só pode tornar-se consciente a partir do momento em que é pré-consciente, quando, então, se liga a representações verbais. As representações de palavras se originam da percepção sensorial, da mesma forma que as representações de coisas, só que as representações de palavras, além disso, são resíduos mnêmicos e, como tal, podem tornar-se de novo conscientes. Por esta razão, Freud afirma

> "... que somente algo que já foi uma percepção consciente, pode tornar-se consciente, e que qualquer coisa proveniente de dentro (à parte os sentimentos) que procure tornar-se consciente deve tentar transformar-se em percepções externas : isto se torna possível mediante os traços mnêmicos" (Freud, 1923,pg.33).

Como o afeto pode tornar-se consciente independente da representação de palavras, pois tende para a descarga imediata, ele assim corresponderia à parte mais arcaica do psiquismo, que apenas distingue o agradável do desagradável. Desta forma, na representação de coisa e na representação de palavra reencontramos o que já havia sido assinalado por Freud em 1900, quando distingue as duas identidades - de percepção e de pensamento, que representam a oposição entre o processo primário e o processo secundário. Estes dois processos correspondem aos dois modos de funcionamento mental - princípio do prazer e princípio de realidade - que permanecem centrais na teoria freudiana. Esta oposição entre os dois modos de funcionamento mental aponta, por sua vez, a forma como o ego se estrutura apresentada por

Freud através das noções de ego-prazer e ego-realidade.

A relação entre o afeto, a parte mais arcaica do psiquismo, e o ego é discutida em "Inibições, Sintomas e Ansiedade" (1926), onde Freud apresenta sua última elaboração da teoria do afeto. Neste trabalho é apresentado o papel repressor do ego, como decorrência da teoria estrutural, de 1923, que acarreta uma nova compreensão da dinâmica psíquica relacionada tanto à mudança do polo pulsional do inconsciente para o id, quanto ao reconhecimento de que o ego também é em parte inconsciente. Na primeira tópica o inconsciente como polo pulsional era articulado com a repressão e esta com as pulsões sexuais recaindo a ênfase da teoria freudiana no reprimido. Na primeira tópica, portanto, o dualismo pulsional coincidia com a formulação do aparelho psíquico, enquanto sistemas, o que não ocorre na segunda tópica.

O id como polo pulsional não tem uma organização própria como o inconsciente ele é um "caos". Por isso, Freud, no artigo sobre o "Inconsciente" (1915) afirma que "a oposição entre consciente e inconsciente não se aplica à pulsão (pg.203) . Assim, o id como polo pulsional do aparelho psíquico não representa a inscrição da força pulsional no campo da representação. Mas, como só o representante-representação da pulsão nos é accessível, é ele que constitui a matéria prima da psicanálise. Neste sentido, ainda neste mesmo artigo, Freud declara que o in

consciente é mais amplo do que o reprimido e que só podemos conhecer o inconsciente "como algo consciente depois que ele sofreu transformação ou tradução para algo consciente" (pg. 191). Assim, na segunda tópica, Freud ao considerar que o ego também é, em parte, inconsciente acarreta uma mudança na compreensão da dinâmica da repressão onde o ego, então, ocupa um papel de relevo o que faz com que Freud volte sua atenção para as forças repressoras.

No trabalho de 1926, Freud coloca em questão o que estaria acarretando este papel repressor do ego e conclui que isto se deve ao fato do ego ser a sede da ansiedade e é esta que aciona a repressão. A ansiedade seria a evocação, pelo ego, de uma situação de perigo antiga em virtude de uma nova exigência pulsional. Além disso, Freud mostra que a natureza da ansiedade está relacionada com a evolução libidinal :

> "O perigo do desamparo psíquico é apropriado ao perigo de vida quando o ego do indivíduo é imaturo; o perigo da perda de objeto, até a primeira infância, quando ele ainda se acha na dependência de outro; o perigo de castração, até a fase fálica; e o medo de seu superego, até o período de latência"(Freud, 1926, pg. 166).

A ansiedade resulta de uma quantidade de afeto, não ligada, que faz com que o ego acione mecanismos de defesa para evitá-la. Para isto o ego tem que estar atento ao sinal de alarme, que está em conexão com o seu sistema perceptual, o que nos indica sua capacidade para transformar uma atividade pura-

mente econômica numa atividade simbólica que é a via que possibilita a elaboração feita pelo ego. No entanto, isto só é possível caso o afeto já tenha sido vinculado à representação de palavra. Esta, ao dar significado aos conteúdos do id, demonstra a capacidade de simbolizar do ego, cuja importância é decisiva para a forma de saída do conflito psíquico. Contudo, a simbolização, que resulta do preenchimento de uma perda, pois o símbolo pressupõe uma distância entre o objeto e sua representação, só é possível caso o ego nos primórdios de sua estruturação tenha sido capaz de abrir mão da fantasia como mecanismo de defesa preponderante, cuja função é impedir que a perda do objeto seja vivenciada. Assim, é relevante para toda saída encontrada para o conflito psíquico a maneira como o ego utiliza os mecanismos de defesa que lhe são accessíveis no início de sua estruturação. Por esta razão, Freud considera que as neuroses são adquiridas na infância precoce, apesar de seus sintomas, muitas vezes, só aparecerem muito mais tarde. No "Esboço de Psicanálise" (1940) ele declara :

> "As neuroses, como sabemos, são distúrbios do ego e não é de admirar que o ego, enquanto débil, imaturo e incapaz de resistência, fracasse em lidar com tarefas que, posteriormente, seria capaz de enfrentar com a máxima facilidade" (Freud, 1940, pg. 213).

A ansiedade muito intensa denuncia a fragilidade do ego e a sua estreita vinculação com o id, acarretando desta forma uma forte repressão. Assim, a relação entre a ansiedade e o

ego pode gerar, ou não, sintoma dependendo da organização do ego, que, por sua vez, depende de sua diferenciação do id. Como a repressão, um dos destinos da pulsão é vista, a partir da segunda tópica, sob um novo ângulo que indica a importância do ego na resolução do conflito psíquico, acreditamos que no caso da sublimação, considerada também como um dos destinos da pulsão, a visão estrutural do psiquismo aponta para a importância que nela o ego representa. Trata-se, portanto, de articular o destino da pulsão com a forma como o ego se estrutura, quando tem que enfrentar a árdua tarefa de conciliar os impulsos do id com a realidade proveniente do mundo externo. Se esta é a tarefa inicial do ego, no entanto, numa outra etapa do desenvolvimento sexual, no período de latência, ele terá também que buscar uma conciliação com o superego que, então, se estabelece. O superego é considerado classicamente como o herdeiro do complexo de Édipo e expressa os desejos amorosos e hostis que a criança experimenta em relação a seus pais; seu ponto culminante situa-se na fase fálica.

No período de latência, que sucede à fase fálica, as primeiras escolhas objetais são abandonadas e substituídas por identificações, o que resulta na dissolução do complexo de Édipo.

Daí decorre, de acordo com Freud, que :

"O amplo resultado geral da fase sexual dominada

> pelo complexo de Édipo pode, portanto, ser tomado como sendo a formação de um precipitado no ego, consistente dessas duas identificações unidas uma com a outra de alguma maneira. Esta modificação do ego retém a sua posição especial, ela se confronta com os outros conteúdos do ego como um ideal do ego ou superego" (Freud, 1923, pg. 49).

Portanto, a identificação possibilita a dissolução do complexo de Édipo e dá origem à formação do superego. Este se constitui a partir da interiorização das exigências e interdições parentais, quando, então, os primeiros objetos de investimento libidinal são como tal desinvestidos, passando a representar um ideal, modelos a serem seguidos. Assim, o superego é "determinado pelas imagos parentais mais primitivas " (Freud , 1933, pg. 84). A partir da identificação o ego adquire as características do objeto e compensa sua perda colocando-se como um objeto de amor para o id.

Assim, na identificação, de acordo com Freud, a libido objetal transforma-se em libido narcísica, o que nos aponta para uma articulação entre o superego e as reflexões feitas por Freud no estudo sobre o narcisismo a respeito do ego ideal e do ideal do ego. Em "O ego e o id" (1923), Freud, inclusive, comenta que "os efeitos das primeiras identificações efetuadas na mais primitiva infância serão gerais e duradouros" (pg.45). E acrescenta, a seguir : "Isso nos conduz de volta à origem do ideal do ego; por trás dele jaz oculta a primeira e mais importante identificação de um indivíduo, a sua identificação com o

pai" (pg. 45).

Como o processo de sublimação, de acordo com Freud, tem seu início no período de latência, o conceito de identificação é relevante para uma tentativa de esclarecê-lo. No entanto, se a possibilidade de uma resolução do complexo de Édipo está relacionada com o abandono das primeiras escolhas objetais que são substituídas por identificações veiculadas pelo ego, teríamos que considerar como se deu o desenvolvimento do ego até esse momento. Se os primeiros mecanismos de defesa do ego, expostos em relação à noção de ego-prazer e ego-realidade, são a projeção e a introjeção, que permitem ao ego estabelecer um limite entre realidade interna e externa, nos parece que eles teriam que ser reavaliados em relação à identificação que ocorre nesse período mais avançado do desenvolvimento sexual, quando se estabelece o superego. Já que este representa, tanto as forças pulsionais do id quanto a relevância do mundo externo, diante dos quais o ego, ainda rudimentar, estabelece uma clivagem a fim de se proteger. Caso o ego não tenha conseguido utilizar bem os mecanismos à sua disposição para defender-se destes impulsos, relativos às primeiras escolhas objetais, acreditamos que se sentirá frágil no momento em que tem que substituir uma escolha objetal por uma identificação. A severidade do superego representa a necessidade de conter os impulsos do id, o que indica a persistência do objeto de forma fantasmática. A depen

dência e permanência da primeira escolha objetal, isto é, a fixação da libido, demonstra a instabilidade do ego frente aos impulsos do id.

A respeito desta articulação entre a identificação que ocorre no período de latência e o início da estruturação do ego, Laplanche, em "Vida e morte em Psicanálise" (1982), comenta :

> "A identificação egoica deve ser muito precoce, se é que deve permitir a instauração de um limite - esboçado senão definitivamente traçado - que torne compreensíveis mecanismos tão antigos quanto os da projeção e da introjeção" (Laplanche, 1982, pg. 85).

No entanto, estès mecanismos não foram considerados por Freud no texto de 1923, onde a identificação ocupa um papel relevante na constituição do ego. Em termos libidinais a identificação é colocada por Freud como uma transformação da libido objetal em libido narcísica. Ele relaciona, então, a libido narcísica, que decorre da identificação, com a sublimação, deixando, no entanto, em aberto esta questão em "O ego e o id" (1923), onde declara :

> "Em verdade, surge a questão, que merece consideração cuidadosa, de saber se este não será o caminho universal à sublimação, se toda sublimação não se efetua através da mediação do ego, que começa por transformar a libido objetal sexual em narcísica e, depois, talvez, possa oferecer-lhe outro objetivo" (Freud, 1923, pg. 44).

O fato da identificação estar relacionada à perda do objeto nos remete ao conceito do símbolo, pois o símbolo ocupa

o lugar da ausência como forma de elaborar a ansiedade que advém da vivência de uma perda. Se a possibilidade de estabelecer identificações depende do ego, é porque ele é capaz de simbolizar, no caso, dar novos significados para os impulsos sexuais. Estes, por sua vez, apresentam, neste caso, a sua plasticidade, a possibilidade de mudança de seu alvo inicial a partir da simbolização veiculada pelo ego.

Assim como a capacidade de simbolizar do ego possibilita dar novos significados aos impulsos sexuais relacionados às primeiras escolhas objetais, as fantasias mais primitivas também dão um novo significado às funções vitais ao realizar a passagem da ordem do biológico para a ordem do sexual, inaugurando a vida psíquica.

No próximo capítulo, simbolização e fantasia serão articuladas como um caminho para refletirmos sobre a sublimação.

CAPÍTULO IV

DE UM PERCURSO

Ao abordarmos nos capítulos anteriores a evolução do conceito de pulsão e de ego na obra freudiana, pretendíamos, norteados pelo conceito de conflito psíquico, conflito este que surge do confronto entre as pulsões e o ego, poder discutir a noção de sublimação que se caracteriza como sendo um destino da pulsão, uma mudança do alvo da pulsão sexual. Para tanto pretendemos perfazer o caminho que leva da fantasia originária à simbolização.

A importância da sexualidade para o desenvolvimento psíquico do indivíduo, exposta por Freud em 1905, se relaciona com a descoberta da sexualidade infantil regida pelas pulsões parciais. Esta descoberta, por sua vez, está relacionada com o papel que a fantasia representa na vida psíquica, papel este ressaltado por Freud quando expressa seu desapontamento com sua "teoria da sedução" (1897) que pressupunha que os relatos de seus pacientes dissessem respeito a fatos ocorridos dentro de um contexto real. Assim, a noção de sexualidade é indissociável da de fantasia. A importância da relação entre fantasia e pulsões sexuais também é enfatizada pela forma repetida com que Freud nos fala que a repressão recai sobre as pulsões

sexuais e as fantasias delas decorrentes. A estreita vincula - ção entre fantasia e pulsões sexuais nos parece indicar a abrangência do conceito de sexualidade. Neste caso as pulsões parciais não estariam indicando apenas uma ligação com as diversas zonas erógenas, mas também,e principalmente,estariam expressando a possibilidade do estabelecimento de uma grande variedade de relação com o objeto de acordo com as fantasias específicas de cada fase do desenvolvimento sexual. Laplanche no seu trabalho sobre a sublimação (1980) deixa claro esta relação entre fantasia e pulsão ao afirmar que a noção de fonte da pulsão perde sua coerência se a isolamos do campo da fantasia próprio à psicanálise. Esta estreita relação entre as pulsões sexuais e a fantasia nos leva a pensar o conflito psíquico que opõe pulsões sexuais ao ego como um conflito entre a fantasia,que dá início à vida psíquica, momento em que prevalece o princípio do prazer, e a simbolização como uma atividade do ego que indica um passo para o desenvolvimento psíquico, quando não apenas o princípio do prazer é levado em conta mas também o princípio de realidade.

Neste capítulo procuraremos primeiro colocar as questões referentes ao papel da fantasia na vida psíquica, tanto na relação estabelecida com as pulsões, quanto na relação com o ego no início da sua delineação. Em seguida apresentaremos a relação entre simbolização e estruturação do ego que é uma im-

portante via que orienta a forma como ocorre o destino da pulsão. Finalmente as questões colocadas sobre a fantasia e a simbolização serão discutidas em relação à problemática da sublimação.

Da Fantasia

Para começar devemos lembrar que quando Freud menciona pela primeira vez, em 1897, o termo sublimação ele o articula com o de fantasia. Nesta ocasião, Freud nos mostra que a fantasia tem um duplo papel : pode acarretar os sintomas neuróticos, e também pode ser um caminho para a sublimação. Este duplo papel depende do vínculo que a fantasia mantém com os impulsos primitivos que a originaram. Ainda em 1897, em cartas subsequentes a Fliess, Freud volta a tratar da fantasia na formação de sintomas onde a fantasia serve para reavivar a lembrança dos impulsos sexuais primitivos que a motivaram. A relação entre fantasia e sintomas se mantém para Freud ao longo de sua obra, e em "Novas conferências introdutórias sobre Psicanálise" (1917) Freud mais uma vez se refere ao importante papel que a fantasia desempenha na formação dos sintomas. Ele afirma então que quando uma fixação num período precoce do desenvolvimento sexual faz a libido regredir às primeiras escolhas objetais é porque estes primeiros objetos não "foram abandonados em todos os sentidos... ainda são mantidos com alguma intensidade nas

fantasias" (pg. 435).

Assim caso as fantasias permaneçam estreitamente vinculadas às primeiras escolhas objetais e aos impulsos sexuais a elas referentes acarretam a repressão, representada pelos sintomas neuróticos e indica uma fixação libidinal. Poderíamos então pensar que o destino da pulsão equivale ao destino da fantasia, na medida em que tanto a repressão quanto a sublimação estão associadas ao papel da fantasia. Esta relação entre fantasia e etapas libidinais nos remete a uma afirmação de Susan Isaacs (1943), pois segundo ela, "compreender a natureza e a função da fantasia na vida mental envolve o estudo das fases iniciais do desenvolvimento mental" (pg. 81).

De acordo com Laplanche e Pontalis (1985) a satisfação alucinatória do desejo é que dá origem à fantasia, quando o bebê reproduz "sob forma alucinada, na ausência do objeto real, a experiência de satisfação original" (pg. 77). A alucinação, ao transformar uma satisfação relativa às funções vitais numa satisfação de ordem sexual, representa segundo Laplanche e Pontalis (1985) o "momento mítico da disjunção entre o apaziguamento da necessidade e a realização do desejo" (pg. 77), que inaugura a realidade psíquica. Portanto, as pulsões sexuais derivam da satisfação das funções vitais, e esta passagem que a noção de apoio implica aponta para o caráter estruturante da fantasia. A fantasia resulta de uma construção que a partir

das funções vitais estabelece uma relação por contiguidade com o objeto concreto e se situa no quadro da oposição entre o subjetivo e o objetivo, introduzindo assim o lugar do sujeito a partir de uma perda.

Quanto à forma como a partir da alucinação é obtida uma satisfação sexual Freud, em 1905, declara que a satisfação obtida através da alucinação é de natureza auto-erótica e representa um meio de obter prazer e diminuir a tensão pulsional a partir da atividade anárquica das zonas erógenas, quando "ainda não se tem objeto sexual" (pg. 187). A esse respeito Laplanche (1985), comenta que Freud ao falar em auto-erotismo não nega a existência "de uma relação primária com o objeto, pelo contrário, indica que a pulsão só se torna auto-erótica depois de ter perdido o objeto" (pg. 80).

Existiria, então, no auto-erotismo uma relação com o objeto na ordem do fantasma desde o início. Neste momento inicial a fantasia tende à satisfação pela ilusão, e nega o princípio de realidade, submetendo-se apenas ao princípio do prazer e apresenta as características do processo primário: falta de coordenação do impulso, falta de sentido de tempo, de contradições e negação, ausência da realidade externa para sua satisfação. Todas estas características são também próprias do inconsciente que assim, nas palavras de Laplanche (1985) "aparece então como o herdeiro daquilo que, na origem, era o único mundo

do sujeito" (pg. 17), mundo este que prescindia do princípio da realidade. Por estar ligada ao sistema inconsciente a fantasia, no início do desenvolvimento psíquico, corresponde à representação de coisa e se reporta à imagem visual. Esta relação entre as fantasias primitivas e a pulsão sexual indica pois um determinado tipo de funcionamento psíquico.

É exatamente em 1911, no artigo dedicado aos dois modos de funcionamento psíquico - princípio do prazer e princípio de realidade - que Freud introduz a noção de ego-prazer/ego-realidade afim de explicar como se dariam os primórdios da delineação do ego.

A fantasia que tem origem na alucinação expressa também a primeira forma de defesa contra o sentimento de desprazer. O ego-prazer também traduz este princípio econômico, pois seu objetivo é evitar o desprazer proveniente não apenas dos estímulos externos, mas também, dos impulsos internos. Como toda forma de lidar com o conflito psíquico implica na relação estabelecida entre as pulsões e o ego, é necessário levarmos em conta o papel que a fantasia representa para o ego nos seus primórdios de delineação, já que as fantasias mais primitivas tanto estão vinculadas às pulsões sexuais quanto à primeira forma de delineação do ego - no caso o ego-prazer.

Desde a primeira formulação do aparelho psíquico, Freud estabelece uma correspondência entre o ego e a percepção,

ao definir o ego como uma energia pulsional derivada das pulsões de autoconservação que não podem prescindir do sistema perceptual. Assim, a fantasia articulada com as operações defensivas mais primitivas utilizadas pelo ego-prazer é ativada através do sistema perceptual. Esta relação entre o ego e o sistema perceptual permanece mesmo após a formulação da segunda tópica, em 1923, quando Freud declara que "para o ego a percepção desempenha o papel que no id cabe aos instintos" (pg. 39). O ego-prazer, através da fantasia, busca uma identidade de percepção que corresponda à satisfação anteriormente alcançada. A projeção e a introjeção, os dois mecanismos defensivos primários utilizados pelo ego-prazer, se restringem a descriminar o que é agradável do que é desagradável, clivando o ego a partir de uma identidade de percepção. Esta clivagem inicial do ego o protege dos impulsos sentidos como ameaçadores e representa uma forma de manter no ego um objeto idealizado através da fantasia, como negação da realidade externa. Desta forma o ego projeta no mundo externo o que considera desagradável e introjeta o agradável. O ego assim coincide com o agradável e o mundo externo com o que é desagradável.

A clivagem do ego, como um primeiro passo para a sua constituição é o tema de um artigo de Freud de 1940. Neste artigo, Freud considera que a clivagem do ego, caso perdure como mecanismo de defesa para além de seu momento inicial, traz como

consequência um distúrbio do ego. Portanto, se as fantasias têm inicialmente um papel importante no processo defensivo, possibilitando a delineação do ego, sua persistência num estágio mais avançado do desenvolvimento psíquico, como negação de uma frustração, demonstra a instabilidade do ego evidenciada na sua tentativa de mais uma vez obter prazer sem depender da aprovação da realidade externa.

O ego, portanto, representa um importante papel na resolução do conflito psíquico que indica a necessidade de utilizar outros mecanismos de defesa mais apropriados para reduzir a tensão pulsional levando em conta o princípio da realidade, o que decorre da forma como ele vai se estruturando. Em 1917, Freud nos fala que os sintomas neuróticos se originam de uma fixação numa fase muito precoce da vida em virtude da incapacidade da pessoa de lidar com uma experiência "cujo tônus afetivo fosse excessivamente intenso" (pg. 325). E, em 1938, aponta de forma clara que esta incapacidade de lidar de forma mais adequada com as experiências afetivas, se deve à fragilidade do ego o que se reporta ao início de sua estruturação quando ele ainda é "débil e imaturo" (pg. 213). Ainda neste mesmo texto, Freud declara então que "as neuroses são como sabemos distúrbios do ego" (pg. 213), que decorrem então do início de sua estruturação.

Da fragilidade do ego decorre o fato das fantasias li

gadas aos impulsos primitivos relativos às primeiras escolhas do objeto permanecerem inalteradas, o que representa a não aceitação da perda do objeto e a recusa em abrir mão do princípio do prazer e do processo primário que com ele se relacionam. Se a fantasia na qual se apoiam as defesas mais primitivas relativas ao ego-prazer demonstra a fragilidade do ego, a passagem para o ego-realidade indica a possibilidade de desenvolvimento do ego, através da transição do princípio do prazer para o princípio de realidade, "um dos mais importantes passos na direção do desenvolvimento do ego" (Freud, 1917, pg. 417). Assim o ego realidade corresponde ao esboço das principais funções do ego : reconhecer as exigências da realidade externa quanto à renúncia da satisfação imediata das pulsões e buscar satisfazer o princípio do prazer dentro destas exigências. É sob a égide de uma concepção energética que se estabelece a passagem do ego-prazer para o ego-realidade. E a esta passagem subjaz a passagem da fantasia para o símbolo.

Da Simbolização

O reconhecimento da realidade externa veiculado pelo ego-realidade implica no reconhecimento da perda do objeto e encaminha o processo de simbolização, que consiste na possibilidade do objeto perdido ser substituído por uma representação. Simbolizar é representar o real, isto é, estabelecer uma relação

de significação entre duas coisas, numa cadeia associativa. A associação mental não se limita a aproximar os termos que apresentam algo em comum, como ocorre na passagem inicial das funções vitais para a ordem sexual através da alucinação, que assim se reporta a uma relação sintagmática que existe in praesentia (Saussure, 1913). A relação associativa, ainda de acordo com Saussure, "une termos in absentia" (pg. 143), "capta a natureza das relações que os unem em cada caso e cria com isto tantas séries associativas quantas relações diversas existam" (pg. 145). Esta cadeia associativa foi evidenciada por Freud, por exemplo, na fase anal, quando aponta a equivalência simbólica entre fezes/presentes/dinheiro. Em 1918 Freud se refere a essas associações como uma "forma simbólico-arcaica de expressão" (pg. 128).

Se a fantasia na origem das pulsões sexuais representa de início, como já apontamos, uma relação de contiguidade com o objeto da função vital, por sua vez a passagem do ego-prazer para o ego-realidade ao ir delineando a distinção entre "dentro" e "fora", mundo interno e mundo externo, marca uma nova relação entre o ego e as pulsões sexuais quando através do símbolo é estabelecida uma distância entre as pulsões sexuais e o objeto do investimento libidinal. Esta distância é veiculada pelo ego-realidade e se relaciona assim com a identidade de pensamento, que procura libertar os processos psíquicos do princí-

pio do prazer, que visa a descarga imediata da tensão pulsional pois "o pensamento tem que preocupar-se com os caminhos de ligação entre idéias, sem deixar-se extraviar pelas intensidades dessas idéias" (Freud, 1900, pg. 540). Esta declaração de Freud sobre a função do pensamento, nos indica que o ego para se desenvolver tem que ser capaz de integrar o agradável e o desagradável, reduzindo sua clivagem inicial, através da qual se defendia do sentimento de desprazer. Por sua vez, a redução da clivagem do ego significa que o ego não mais nega aquilo que considera frustrante para a obtenção imediata do prazer, mas que a partir da simbolização adquire novos recursos para se defender dos impulsos sentidos como ameaçadores, e para obter satisfação sem prescindir da realidade externa, o que possibilita a sua integração e o seu desenvolvimento.

O ego-realidade relacionado à identidade de pensamento nos indica a possibilidade contínua da substituição de uma satisfação por outra que lhe seja semelhante e esse movimento representa a pulsão de vida cujo objetivo é unir e ligar. Unir e ligar significa uma atividade do pensamento que conecta idéias. Para que isso seja possível é necessário que idéia e afeto não estejam dissociados como ocorre na repressão, o que acarreta a inibição do pensamento. Por outro lado, conectar idéias entre si só é possível através da "representação da palavra" que veicula a "representação de coisa", própria do inconscien-

te, para o consciente, conectando impressões que permitem uma transformação simbólica de experiências. a "representação de palavra" ao ligar a verbalização com a tomada de consciência só é possível por intermédio da distinção entre externo e interno que é correlata do estabelecimento dos limites do ego que assegura a passagem do processo primário para o processo secundário, quando então o símbolo substitue a ausência do objeto.

Se por um lado a permanência da ligação entre fantasia e impulsos primitivos relativos às primeiras escolhas de objeto, indica a fragilidade do ego e evidencia a sua dificuldade de aceitar a perda do objeto já que dele não se descrimina, a simbolização, por outro lado, aponta para um maior desenvolvimento do ego já que ela só ocorre quando o ego se torna capaz de lidar com a perda do objeto fantasmático, dele se descriminando.

As noções de ego-prazer e ego-realidade apresentadas pela primeira vez por Freud em 1911, são retomadas em dois outros artigos, em 1915 e 1925. O fato de tanto no artigo de 1915, quanto no de 1925, esta diferenciação entre ego - ego-prazer e ego-realidade - ter por objetivo estabelecer a relação entre sujeito e mundo externo que representa os primórdios da simbolização nos parece reforçar o papel decisivo do ego diante das forças pulsionais para a determinação da saída encontrada para o conflito psíquico.

A distinção inicial entre fantasia e simbolização é correlativa da passagem do ego-prazer para o ego-realidade. Por sua vez, fantasia e simbolização representam duas formas diferentes de lidar com os impulsos relativos às primeiras escolhas de objeto que resultam ou na fixação libidinal, indicando a permanência do objeto de forma fantasmática ou no reconhecimento da perda do objeto cuja ausência é preenchida através do símbolo, daí resultando a motilidade pulsional. Destes dois tipos de relação com as primeiras escolhas objetais irá depender a natureza e a forma como a identificação, que ocorre no período de latência, poderá se estabelecer, representando ou não mais um passo para a estruturação do ego. Isto porque a identificação no período de latência representa o abandono das primeiras escolhas objetais, que são então interiorizadas, sob a forma de superego, possibilitando assim a dissolução do complexo de Édipo. Freud, já desde 1897, apontava para o fato de que a repressão, um dos destinos da pulsão, incide, principalmente sobre as fantasias ligadas ao desejo sexual em relação aos pais. Assim a repressão denota a estreita relação entre as fantasias e os impulsos sexuais primitivos e influencia a severidade do superego evidenciada na dissociação entre o representante ideativo da pulsão, presente na fantasia, e o afeto que lhe é correlato. Esta dissociação ocorre quando as fantasias iniciais permanecem inalteradas. Isto não acontece quando se dá a passagem do ego-

prazer para o ego-realidade que é concomitante ao início do processo de simbolização. Por sua vez, a simbolização corresponde à instauração do processo secundário e à hegemonia do princípio de realidade. A identificação que ocorre no período de latência é colocada por Freud em 1923, como possibilitando a sublimação. Desde 1905, quando ele emprega pela primeira vez o termo sublimação, afirma que a sublimação tem início no período de latência. Portanto, para pensarmos a sublimação é importante termos nítido o percurso do desenvolvimento psíquico que possibilita a identificação no período de latência.

Sublimação : da fantasia à simbolização à fantasia...

Assim, antes de discutirmos diretamente a relação entre sublimação e identificação temos que nos remeter à trajetória do desenvolvimento psíquico da fantasia à simbolização. Esta trajetória se inicia no momento em que a fantasia inaugura a vida psíquica e vai até o momento em que, através de sua capacidade de simbolizar, o ego estabelece uma distinção mais nítida entre mundo externo e mundo interno. A forma como esta passagem das fantasias primitivas para a simbolização é estabelecida é decisiva para a identificação que ocorre no período de latência, quando o primeiro objeto do investimento libidinal é abandonado em favor de uma identificação com o objeto, o que implica num trabalho de luto e elaboração desta renúncia do ob-

jeto. O trabalho do luto e a elaboração não podem ocorrer caso o ego não tenha estabelecido com o objeto uma relação diferen - ciada, que leve em consideração o teste de realidade. Freud, ao distinguir o luto e a melancolia como duas formas diferentes de reação à perda do objeto, deixa bem claro a importância que o ego nelas representa já que cabe a ele a distinção entre externo e interno que diferencia o luto da melancolia. Esta falta de distinção caracteriza a melancolia e corresponde para Freud ao estabelecimento de uma identificação narcísica, onde a perda do objeto é sentida como uma perda do próprio ego, o que revela a instabilidade deste. Se o processo de sublimação, de acordo com Freud, se inicia no período de latência e está relacionado com a identificação, no entanto, como foi apontado por Freud no caso da melancolia, nem toda identificação possibilita a sublimação. Alguns autores, entre eles Luquet, consideram que a identificação que resulta na dissolução do complexo de Édipo está estreitamente ligada ao destino das primeiras identificações, anteriores ao período de latência. Para Luquet é impossível resolver o Édipo antes da resolução dos conflitos pré-genitais a ele relacionados. Estes conflitos pré-genitais nos reportam ao destino das pulsões parciais.

Desde 1905, quando Freud emprega pela primeira vez em sua obra a conceito de sublimação, ele é apontado como um dos possíveis destinos da pulsão no percurso do desenvolvimento

psíquico a partir das pulsões parciais. Neste mesmo texto, assim como no trabalho sobre Leonardo da Vinci, de 1910, Freud se refere à sublimação como derivada do que ele denomina no primeiro texto de instinto do saber e no segundo de instinto de investigação. No primeiro deles é frisado o fato de que o instinto do saber se relaciona com a curiosidade sexual dele derivando a possibilidade de sublimar. No segundo, é sublinhado o fato de que na sublimação não ocorre nem inibição de pensamento nem pensamento compulsivo, pois nela o instinto de investigação se distancia da curiosidade infantil ligada à sexualidade da qual se derivou, o que possibilita uma maior fluidez do pensamento.

A relação entre os instintos do saber e de investigação com a sublimação evidencia a articulação entre fantasia e simbolização, o que nos indica a posição de destaque que o ego ocupa na sublimação, um dos destinos das pulsões parciais. Esta posição de destaque do ego, no caso da sublimação, está estreitamente ligada à passagem do ego-prazer para o ego-realidade, que representa, por sua vez, a passagem das fantasias primitivas para a simbolização.

Birman (1988), no artigo sugestivamente intitulado "Alquimia no sexual", onde discorre sobre a problemática da sublimação associa a sublimação à estruturação do ego-realidade, enquanto a neurose e a perversão operariam no registro do ego-prazer. O ego-prazer indicaria a fixação da pulsão ao objeto

primário da satisfação e estaria, portanto, vinculado tanto a este objeto quanto às fantasias primitivas a ele relacionadas. O ego-realidade, em contrapartida, indicaria a perda deste objeto primário, "abrindo o circuito pulsional que possibilita a motilidade da pulsão" (pg. 17), que caracteriza a sublimação, o que pressupõe a capacidade de simbolizar do ego.

Do ego-prazer ao ego-realidade, ou dito de outra forma, da fantasia à simbolização, decorre a transição do processo primário para o processo secundário. Esta passagem é correlata da necessidade de estabelecer uma identidade entre as representações internas e as percepções ligadas ao mundo externo como condição para obter satisfação, o que implica em ter que abrir mão do objeto primário de satisfação. A introdução do processo secundário possibilita tolerar uma distância, tanto do ponto de vista do tempo, quanto do ponto de vista da identidade, entre as representações da realidade psíquica e a percepção do mundo exterior, articulada pela elaboração psíquica. A elaboração psíquica realizada pelo ego se opõe à descarga absoluta que caracteriza a libido a nível das fantasias primitivas. Como a fixação libidinal representa a permanência das fantasias primitivas, ela também visa à descarga absoluta, evidenciando a dificuldade de tolerar a distância entre o desejo e sua satisfação, o que estaria indicando que o processo de simbolização não foi bem estabelecido. A fixação, como nos diz Freud, num artigo de

1915, geralmente ocorre "em períodos muito iniciais do desenvolvimento de um instinto pondo fim à sua motilidade, por meio de uma intensa oposição ao desligamento" (pg. 143). Sendo assim, o caminho para a motilidade pulsional diz respeito à relação estabelecida pelo ego com as fantasias primitivas e pressupõe a distância entre o impulso sexual e o seu alvo possibilitada pela simbolização.

A relação estabelecida pelo ego com as fantasias primitivas, nos remete ao comentário de Birman (1988) a respeito do trabalho de Freud sobre Leonardo da Vinci. Para ele, o que preocupa basicamente Freud é demonstrar os efeitos psíquicos de uma fantasia originária. No caso de Leonardo da Vinci, devido à sua curiosidade sexual muito precoce, ela pode ser direcionada para o instinto de investigação "fugindo assim à repressão" (pg. 74). Em "Cinco conferências introdutórias sobre psicanálise" (1910), Freud afirma que a repressão precoce impossibilita a sublimação. Assim, as três vicissitudes do instinto de investigação apresentadas por Freud, no trabalho sobre Leonardo da Vinci, estariam se referindo ao destino das fantasias primitivas, destinos estes que podem ser articulados com o ego-prazer e o ego-realidade. Os destinos que se apresentam sob forma de inibição neurótica ou de pensamento compulsivo decorrem, de acordo com Freud, do fato do instinto de investigação participar de forma muito próxima da sexualidade infantil,o que

acarreta repressão e indica uma fixação. Sendo assim, estariam no registro do ego-prazer no qual fantasias primitivas e fixação estariam articuladas, representando a tentativa de manter o objeto primário de satisfação. A sublimação, em contrapartida, como um destino do instinto de investigação, que não envolve nem repressão nem fixação estaria no registro do ego-realidade e, desta forma, representaria uma outra relação com as fantasias primitivas, advinda do reconhecimento da perda do objeto primário de satisfação, relação esta que possibilita uma maior fluidez do pensamento podendo assim ser entendida como uma abertura do circuito pulsional. Daí a sublimação poder ser considerada como um processo criativo, num sentido amplo, pois toda criação implica na possibilidade de novos liames significativos, de novas simbolizações, o que distancia a pulsão sexual de seu alvo imediato mais primitivo. Por sua vez, a cadeia associativa que vai sendo estabelecida a partir da pulsão sexual e da curiosidade a ela relacionada possibilita a substituição de uma satisfação por outra que lhe seja semelhante indicando a capacidade de unir e ligar, próprias do ego. Unir e ligar é objetivo da pulsão de vida. Assim, se a sublimação se relaciona com o ego-realidade, ela também se refere à pulsão de vida, onde a simbolização representa seu papel decisivo como uma via para a sublimação. A capacidade de simbolizar que se refere tanto ao ego-realidade quanto à pulsão de vida implica no reconhe-

cimento da perda do objeto primário de satisfação. Por esta razão a identificação que ocorre no período de latência representando a perda do primeiro objeto do investimento libidinal só pode corresponder a uma saída para a sublimação caso o ego nos primórdios de sua delineação tenha feito a passagem do ego-prazer para o ego-realidade, possibilitando assim a motilidade pulsional..

Em "O ego e o id" (1923) quando Freud se refere à identificação que emerge no período de latência coloca uma questão que não se reporta apenas à motilidade pulsional. Nesta ocasião, ele nos fala que a identificação requer uma dessexualização e esta representa a volta à libido narcísica. Essa associação entre dessexualização e libido narcísica nos parece imprópria em relação à sublimação, pois como nos aponta Florence e Jean Bégoin, Freud faz referência à libido narcísica em dois contextos estruturais diametralmente opostos : psicose e sublimação. A psicose é definida por Laplanche e Pontalis (1967) como "uma perturbação primária da relação libidinal com a realidade" (pg. 502). Dentre outras coisas essa perturbação nos indica : a tentativa de manutenção de um estado primário de satisfação, compulsão à repetição, fuga da realidade, enfim, o aprisionamento do circuito pulsional, opondo-se assim à motilidade pulsional, que caracteriza a sublimação. Além disso, estas características encontradas nos estados psicóticos são próprias da

pulsão de morte; sendo assim, na psicose a pulsão de morte predomina sobre a pulsão de vida. No caso da psicose, portanto, a libido narcísica apresenta características que a aproximam da pulsão de morte, o que impossibilita a motilidade pulsional que está presente na sublimação.

A relação entre libido narcísica e sublimação, para ser melhor discutida nos leva a algumas questões colocadas por Freud, no seu estudo sobre o narcisismo, referentes aos seus conceitos de ego ideal e ideal do ego. Estes dois conceitos, assim como os de ego-prazer e ego-realidade, nos fornecem elementos para compreender a estruturação do ego. Assim, André Green (1979), num artigo sobre a questão do ideal, associa a noção de ego ideal com a de ego-prazer. Para ele, tanto o ego-prazer quanto o ego ideal repousam na satisfação automática, imediata, plena, que só existiu na fantasia retrospectiva de experiência de satisfação. Como vimos, a fantasia como correlata do ego-prazer opera uma clivagem no ego, cujo objetivo é resguardar um objeto idealizado. Em 1914, Freud ao introduzir a noção de ego ideal declara :

> "O narcisismo do indivíduo surge deslocado em direção a este novo ego ideal, o qual como o ego infantil, se acha possuído de toda perfeição de valor " (Freud, 1914, pg. 111).

Assim, o ego ideal como um produto idealizado representa também uma tentativa de proteção das frustrações impostas pela realidade externa.

Florence e Jean Bégoin (1979), no artigo acima citado em que discutem o conceito de sublimação, consideram que o objeto idealizado introjetado pelo ego corresponde a um ego ideal, o que teria como corolário possibilitar ao ego se sentir amado, como também confiante na sua capacidade criativa. Se, para estes autores, o sentimento de auto-estima deriva do ego-ideal, para André Green, ele se relaciona com o ego-prazer.

Assim, pensamos que tanto o ego-prazer, quanto o ego-ideal como primeiras formas de delineação do ego desempenham um papel decisivo para o desenvolvimento psíquico. Em ambos a fantasia representa uma papel determinante. No entanto, a permanência da fantasia no seu status inicial, cuja função é anular o teste de realidade, representa, tanto no caso do ego-prazer, como no caso do ego-ideal, uma barreira para a abertura do circuito pulsional representada pela busca de novos objetos de satisfação. Esta busca só é possível a partir do reconhecimento da perda do objeto. Em relação às noções de ego-prazer e ego realidade a busca de novos objetos é veiculada pela simbolização correlativa do ego-realidade. Em relação à economia narcísica ela corresponde à passagem do ego ideal para o ideal do ego, que delineia para o ego um ideal que não é a sua própria imagem como era no caso do ego ideal. É nesta passagem do ego-ideal para o ideal do ego que se situa a distinção entre psicose e sublimação. Freud, ao final de seu estudo sobre narcisis-

mo, nos diz que a paranóia se origina de "uma frustração da satisfação dentro da esfera do ideal do ego" (pg. 119). Assim, a estrutura do ideal do ego é menos claramente definida na psicose do que na sublimação. Por sua vez, o ideal do ego representa um passo no desenvolvimento do ego.

> "O desenvolvimento do ego consiste num afastamento do narcisismo primário e dá margem a uma vigorosa tentativa de recuperação desse estado. Este afastamento é ocasionado pelo deslocamento da libido em direção a um ideal do ego..." (Freud, 1914, pg. 117).

Portanto, a volta à libido narcísica a que se refere Freud, tanto em relação à psicose , quanto em relação à sublimação, corresponde a duas formações diferentes advindas do narcisismo : ego ideal e ideal do ego. A respeito da importância do narcisismo para o desenvolvimento psíquico Florence e Jean Bégoin (1979), citam uma declaração de Janine Chasseguet-Snirgel (1973), onde ela afirma que "em todos os casos, o ato criador é promovido, no meu entender, pelo desejo (narcísico) de reencontrar a plenitude perdida...". Gostaríamos de destacar desta declaração o termo reencontrar, também empregado por Freud, num artigo de 1925, em que nos fala que o objetivo do teste de realidade é "*reencontrar* tal objeto" (pg. 298). Nesta ocasião Freud distingue <u>encontrar</u> de <u>reencontrar</u>, relacionando o primeiro termo com a identidade de percepção e o segundo com a identidade de pensamento. Sendo assim, poderíamos dizer que <u>encontrar</u> estaria se referindo ao ego-prazer e às fantasias primiti-

vas relacionadas ao objeto primário de satisfação, enquanto reencontrar estaria se referindo ao ego-realidade e ao processo de simbolização intrínseco ao reconhecimento da perda do objeto. Da mesma forma, "reencontrar a plenitude perdida" estaria pressupondo o estabelecimento do teste de realidade e corresponderia em relação ao narcisismo à passagem do ego ideal para o ideal do ego que representa a possibilidade de estabelecer identificações secundárias. Esta passagem, que representa o desenvolvimento do ego, é importante no caso da sublimação considerada como uma via para realizações culturais e sociais, pois como nos diz Freud :

> "Além do seu aspecto individual esse ideal tem seu aspecto social; constitui também o ideal comum de uma família, uma classe ou uma nação" (Freud,1914, pg. 119).

Assim, a sublimação diria respeito, tanto ao ego-realidade, quanto ao ideal do ego, pressupondo a capacidade de simbolizar e de estabelecer identificações que possibilitem a abertura do circuito pulsional, ou seja, a motilidade pulsional. Parece, portanto, que na sublimação simbolização e identificação estão estreitamente articuladas. Para exemplificar transcreveremos um trecho de uma carta de Freud para Fliess, de 31 de maio de 1897.

> "Para criar seu Werther, Goethe combinou algo que havia experimentado - o amor por Lotte Kastner - com algo que ouvira : o destino do jovem Jerusalém, que morreu cometendo suicídio. É provável que estivesse brincando com a idéia de se matar, e encontrou

> um ponto de contato nisso, identificando-se com Jerusalém, a quem emprestou uma motivação retirada de sua própria história de amor. Por meio dessa fantasia, protegeu-se das consequências de sua experiência" (Freud, 1897, pg. 252).

Portanto, a sublimação, como um ato criativo, não prescinde da fantasia, só que esta, no caso da sublimação, se diferencia das fantasias primitivas relacionadas com o ego-prazer e o ego ideal por reconhecer, tanto a perda do objeto primário de satisfação, quanto a perda "da plenitude perdida". Assim, a fantasia, quando relacionada ao processo de sublimação, perde o seu status inicial no qual não era estabelecida uma distinção entre realidade externa e realidade interna. Neste sentido, devemos nos reportar aos diversos artigos em que Freud faz referência à criação artística, onde o papel da fantasia é ressaltado, ficando, no entanto, sublinhado que a fantasia nestes casos não exclui o princípio de realidade e o processo secundário advindos do teste de realidade.

Em "Escritores criativos e devaneios" (1907), Freud estabelece uma analogia entre o escritor criativo e a criança que brinca frisando que nestes casos a fantasia não anula o teste de realidade.

> "Apesar de toda a emoção que a criança catexiza seu mundo de brinquedo, ela o distingue perfeitamente da realidade. O escritor criativo faz o mesmo que a criança que brinca. Cria um mundo de fantasia que ele leva muito a sério, isto é, no qual investe uma grande quantidade de emoção enquanto mantém uma separação nítida entre o mesmo e a realidade"(Freud,1907, pg. 149).

É sobretudo no artigo de 1911, dedicado aos dois modos de funcionamento psíquico, que Freud coloca de forma mais explícita a distinção entre a fantasia como matéria da obra de arte e as fantasias primitivas. As fantasias primitivas visam o princípio do prazer negando o princípio de realidade, enquanto a fantasia expressa através da arte ocasiona "uma reconciliação entre os dois princípios de forma peculiar" (pg. 284). Assim, como a arte é uma forma de sublimação, esta também indicaria a possibilidade do princípio do prazer ser veiculado pelo processo secundário, pelo qual o ego é responsável devido à sua capacidade de simbolizar. Dela decorre o estabelecimento de uma distância entre mundo interno e mundo externo, ou seja, entre fantasia e realidade material.

A sublimação, portanto, seria um processo circular onde simbolização e fantasia vão se associando a cada momento num trabalho de elaboração contínuo que tem início a partir do reconhecimento da perda do objeto primário de satisfação. Assim, a sublimação, como um processo, tem por objetivo unir e ligar, objetivo este que corresponde ao da pulsão de vida. A pulsão de vida, por sua vez, engloba as pulsões sexuais e as pulsões do ego e a energia de ambas é a energia libidinal, pois em "O mal estar da civilização" (1930), Freud afirma que "os instintos do ego também são libidinais" (pg. 140). Assim, a energia que possibilita a sublimação também é a energia sexual. Des

ta forma, a mudança do alvo da pulsão sexual que ocorre na sublimação significaria uma outra forma de obter prazer distante do alvo a partir do qual a pulsão sexual se estabeleceu. O que esta mudança de alvo pressupõe é a passagem do processo primário para o processo secundário, evidenciando a característica da pulsão sexual, sua plasticidade.

CONCLUSÃO

Através deste trabalho procuramos delinear a trajetória do conceito de sublimação na obra de Freud. A partir do rastreamento deste conceito na obra freudiana, pudemos observar a precariedade das indicações sobre o mesmo. Nos textos em que Freud emprega o termo sublimação ele está restrito a pequenos trechos em que é articulado com outras questões que estão sendo por ele discutidas. Procuramos então, através das indicações obtidas no levantamento do conceito de sublimação, apreender as relações que Freud estabelece entre ele e outros conceitos que fazem parte do arcabouço teórico da psicanálise.

Observamos, então, que em vários textos a sublimação é apresentada como uma mudança de alvo da pulsão sexual. Esta relação entre sublimação e pulsão sexual é também enfatizada quando Freud se refere à sublimação como uma expressão da motilidade da pulsão sexual e, também, quando afirma que ela corresponde a um destino da pulsão, mais precisamente, das pulsões parciais. Portanto, a questão fundamental levantada pela sublimação diz respeito ao papel da sexualidade no desenvolvimento psíquico.

Freud ao apresentar a sublimação como uma das vias de escoamento das pulsões parciais não deixa explícito como seu processo se dá. Em 1905, quando apresenta três destinos possí-

veis da pulsão no processo do desenvolvimento psíquico a partir das pulsões parciais, Freud especifica que a perversão se caracteriza pela conservação dos objetivos iniciais das pulsões parciais, a neurose pela repressão sob o efeito de um conflito defensivo, sendo a sublimação colocada apenas como uma outra via de escoamento das pulsões parciais. Da mesma forma em 1915 ao apresentar quatro possibilidades de destino da pulsão sendo um deles a sublimação, Freud não tematiza sobre a sublimação.

Apesar desta precariedade de indicações sobre a sublimação, o que fica evidenciado no rastreamento deste conceito é a forma negativa como ele é apresentado, ou seja, como opondo-se aos diversos sintomas neuróticos.

O termo sublimação é empregado pela primeira vez em 1905 e, já nesta ocasião, ao apresentar as possíveis vias de escoamento para as pulsões parciais, Freud coloca a sublimação como oposta às perversões e às neuroses. Como, tanto as perversões quanto as neuroses, são consideradas como estruturas psíquicas isto poderia estar indicando a possibilidade da sublimação também representar uma forma de estruturação psíquica. Desta forma, como a estruturação psíquica resulta da relação estabelecida pelos dois polos do conflito psíquico, encaminhamos nosso estudo a partir da noção de conflito psíquico, conflito este que para Freud é constitutivo do desenvolvimento psíquico.

Em razão do contexto de oposição em que é colocada a

sublimação, tivemos que nos reportar algumas vezes aos mecanismos neuróticos, como uma forma de deduzirmos a dinâmica psíquica, que estaria possibilitando a sublimação.

Assim, em relação às pulsões, um dos polos do conflito psíquico, a oposição entre sublimação e neurose nos levou a contrapor a sublimação à repressão, à fixação libidinal e às fantasias primitivas. Na sublimação não ocorreria nem repressão, nem fixação libidinal e nem a permanência de uma estreita vinculação com as fantasias primitivas, já que ela se caracteriza pela motilidade pulsional.

A repressão, ao dissociar a representação do afeto, impede que a energia pulsional flua em busca de novas ligações, de novas formas de satisfação. A repressão interfere no destino do instinto de investigação, que decorre da curiosidade infantil e que é por Freud considerado como um caminho primordial para a sublimação. A repressão precoce acarreta ou inibição do pensamento ou pensamento compulsivo; ambos diriam respeito às neuroses e estariam revelando a estréita relação com a sexualidade infantil da qual se derivaram. No caso da sublimação a repressão precoce não estaria presente, indicando um maior distanciamento entre o instinto de investigação e a sexualidade infantil, o que possibilita uma maior fluidez do pensamento. No entanto, ao colocar a sublimação como uma dessas três possibilidades de lidar com a sexualidade infantil, relacionadas com o

instinto de investigação, Freud deixa claro que a energia sexual subjaz à sublimação.

A fixação representa a permanência do objeto primário de satisfação, o que indica que as fantasias primitivas não foram abandonadas. As fantasias primitivas estão sob o registro do princípio do prazer em acordo com o processo secundário. Como a sublimação expressa a motilidade pulsional, oposta à fixação, fica evidenciado que ela implica numa outra relação com as fantasias primitivas e, consequentemente, num outro registro de funcionamento psíquico. A sublimação pressupõe assim o princípio de realidade em acordo com o processo secundário pelo qual o ego é responsável.

Sendo assim, procuramos apresentar as principais noções relativas ao conceito de ego dentro da obra freudiana que nos possibilitassem apreendê-lo desde os primórdios de sua delineação, como as noções de ego-prazer e ego-realidade, narcisismo e identificação, afim de articular o destino da pulsão com a forma como o ego se estrutura.

A partir da discussão destes conceitos referentes à noção de ego tentamos esclarecer algumas questões a respeito da problemática da sublimação. Assim, quanto às noções de ego-prazer e ego-realidade apontamos a primeira como correlata da neurose e da perversão e a segunda como correlata da sublimação. O ego-prazer, sob o domínio do princípio do prazer estabelece

uma clivagem no ego, através dos mecanismos de projeção e introjeção, tentando fazer coincidir o desagradável com o mundo externo e o agradável com seu mundo interno. Está, assim, ligado à identidade de percepção que se prende ao objeto primário de satisfação, como está também estreitamente relacionado com as fantasias primitivas. Portanto, ao permanecer neste registro para além do seu momento inicial, o ego evidencia a existência de uma fixação libidinal que se opõe à motilidade pulsional, inerente à sublimação.

A sublimação seria correlata do ego-realidade, já que implica na possibilidade de mudança do alvo da pulsão. O ego-realidade, ao contrário do ego-prazer, indica a possibilidade de vivenciar a perda do objeto primário de satisfação, pois se guia pela identidade de pensamento que leva em consideração a realidade externa. A introdução do princípio de realidade faz com que o ego tenha que reconhecer que em si não existe apenas o que é prazeroso, mas também o que produz o desprazer, o que o leva a procurar novos recursos para alcançar o prazer e evitar o desprazer. Daí, resulta a emergência da simbolização que assim indica uma remodelação da estrutura do ego. A capacidade de simbolizar possibilita ao ego preencher a perda do objeto e adiar a descarga libidinal, afim de "reencontrar" o objeto que lhe traz satisfação, o que pode, também, representar uma mudança do alvo da pulsão sexual.

No que se refere ao narcisismo, o desenvolvimento do ego estaria representando a passagem do ego ideal para o ideal do ego. O ideal do ego também busca "reencontrar" a "plenitude perdida" pressupondo, então, como o ego-realidade, a vivência de uma perda e a sua elaboração, o que é possibilitado pela capacidade de simbolizar do ego. Desta forma, a sublimação diria respeito, tanto ao ego-realidade, quanto ao ideal do ego. Consideramos que o ego-realidade e o ideal do ego apontam para a importância do papel do ego na resolução do conflito psíquico que é expresso na sublimação. Papel este que representa a passagem do princípio do prazer, tal como se apresenta no início do desenvolvimento psíquico, para o princípio de realidade.

O ideal do ego é a via que possibilita o estabelecimento das indentificações que ocorrem no período de latência. Em 1923, Freud afirma que a sublimação resulta da identificação, já que para ele a sublimação é um processo que tem início no período de latência. Pensamos, no entanto, que para que neste período a identificação possa encontrar uma saída para o conflito psíquico na sublimação, temos que levar em conta a forma como ocorreu o desenvolvimento do ego até este momento. No caso da sublimação o percurso do ego ao passar pelo ego-realidade e pelo ideal do ego, ambos representando o reconhecimento de uma perda, possibilita que a perda do primeiro objeto de investimento libidinal, da qual resulta a identificação, possa ser vi-

venciada sem causar danos ao ego. Reconhecer uma perda indica um trajeto que vai das fantasias primitivas à simbolização. Simbolizar significa estabelecer diversas cadeias associativas a partir de conexões de semelhança. A semelhança, por sua vez, liga dois objetos entre si pelo que eles têm em comum, mas também representa a existência de uma diferenciação entre estes mesmos objetos. Esta diferenciação é fundamental em relação à identificação, pois caso ela não seja estabelecida o que ocorre é uma identificação narcísica, como no caso da melancolia, quando então a perda do objeto é sentida como a perda do próprio ego. Isto estaria indicando que na melancolia a capacidade de simbolizar do ego não foi bem estabelecida. Na sublimação esta diferenciação é feita possibilitando o abandono das primeiras escolhas objetais e a sua substituição por um ideal que as represente.

Na sublimação, portanto, o papel do ego no conflito psíquico é determinante para o destino da pulsão. Da passagem, tanto do ego-prazer para o ego-realidade, quanto do ego ideal para o ideal do ego, resulta a forma como ocorre a identificação no período de latência, que possibilita uma mudança do alvo da pulsão sexual, mudança esta que indica a passagem do princípio do prazer para o princípio de realidade, ou seja, das fantasias primitivas, estreitamente relacionadas com os impulsos sexuais, para a simbolização que estabelece uma distância entre o

impulso e seu alvo. Esta distância representa a abertura do circuito pulsional, a possibilidade de substituir uma satisfação por outra, indo assim de encontro à característica fundamental da pulsão sexual, sua plasticidade. Esta plasticidade presente na sublimação é que torna possível as realizações sociais e culturais. Flournoy (1965) considera a sublimação como um traço de união entre o sujeito e a coletividade. Freud, em "O mal-estar da civilização" (1930), onde discute sobre o antagonismo entre sujeito e civilização, afirma :

> "Abordamos a dificuldade do desenvolvimento cultural como sendo uma dificuldade geral do desenvolvimento, fazendo sua origem remontar à inércia da libido, à falta de inclinação desta para abandonar uma posição antiga por outra nova"(Freud, 1930, pg. 129).

Vemos aí que o que impede o desenvolvimento cultural é a fixação libidinal e a compulsão à repetição que impossibilitam a abertura do circuito pulsional, apresentando assim as características da pulsão de morte que se opõe à motilidade pulsional apresentada na sublimação. Desta forma, a sublimação representa o predomínio da pulsão de vida que se define pela capacidade de unir e ligar, agenciada pelo ego, como a pulsão de vida engloba as pulsões sexuais e as pulsões do ego, sendo a energia de ambas sexual, pois "os instintos do ego também são libidinais" (Freud, 1930), a mudança do alvo da pulsão sexual que ocorre na sublimação não significa que a energia que a impulsiona deixe de ser a energia sexual. O que está em concordância

com a descoberta da psicanálise no que se refere à abrangência da sexualidade e ao seu papel fundamental no desenvolvimento psíquico. Portanto, tanto os sintomas neuróticos, quanto a sublimação são resultantes da atividade fantasmática, porém a motilidade pulsional possibilitada pela sublimação indica uma relação do sujeito com as suas fantasias distinta daquela que se apresenta na neurose. Esta distinção em relação ao registro fantasmático faz com que a sublimação e a neurose representem duas formas diferentes de relação do sujeito com a sociedade.

O fato da abrangência da sexualidade advir da descoberta da função da fantasia na vida psíquica nos leva a insinuar uma possível interpretação do termo sublimar, no contexto da física, que serviria de metáfora para o processo de sublimação : passagem do corpo sólido, realidade concreta, ocupando determinado lugar no espaço, para o estado gasoso em que se expande de forma invisível e impalpável, podendo transmutar-se em mil formas diferentes.

Sublimar, portanto, é um ato criativo num sentido amplo. Criativo porque não está fixado nem no objeto primário de satisfação, nem na forma como a primeira satisfação foi obtida, não depende assim da identidade de percepção e sim da identidade de pensamento. Seu objetivo é um <u>reencontro</u>, situa-se na interseção entre mundo interno e mundo externo. Desta forma, na sublimação, a fantasia, ao contrário do que ocorre com as fanta

sias primitivas, mantém a distinção entre realidade externa e realidade interna e reconcilia os dois princípios básicos do funcionamento psíquico, possibilitando a "realização de desejos" (Freud, 1911).

> "Onde estava o id, ali estará o ego"(Freud,1933, pg. 102).

Desta forma, a afirmação acima, que representa para Freud o objetivo terapêutico da psicanálise, expressa também a condição que possibilita a sublimação, o que nos sugere um dos possíveis desdobramentos de uma reflexão sobre a sublimação : o seu lugar no processo analítico.

BIBLIOGRAFIA

. BATISTA, A.M. Argumento, Cadernos de Psicanálise, n.9,1988, p. 8-10.

. BÉGOIN, F. e BÉGOIN, J. Pour une resexualisation de la sublimation. Revue Française de Psychanalyse, n. 43,1979 , p. 923-941.

. BIRMAN, J. Alquimia do sexual. Cadernos de Psicanálise, n. 9, 1988, p.11-24.

. BREUER, J. e FREUD, S. (1983-1895). Estudos sobre histeria in : E.S.B., Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980, v. 2 , p. 13-39.

. FENICHEL, O. (1932). Teoria Psicanalítica das Neuroses, Rio de Janeiro, Livraria Atheneu, 1981.

. FLOURNOY, O. (1965). La sublimation. Revue Française de Psychanalyse, n. 31 (1), 1967, p.59-99.

. FREUD, S. (1887-1904). A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess , Rio de Janeiro, Imago Editora, 1986.

. FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade In : E.S.B., Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980,v. 7, p. 123-250.

. FREUD, S. (1907 [1906]). Delírios e sonhos na "Gradiva" de Jansen, In: E.S.B., Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980, v. 9, p. 13-98.

. FREUD, S. (1908 [1907]). Escritores criativos e devaneio, In : E.S.B., Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980, v. 9, p. 147-158.

. FREUD, S. (1908) Caráter e erotismo anal, In : E.S.B., Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980, v. 9, p. 173-181.

. FREUD, S. (1908) Moral sexual "civilizada" e doença nervosa moderna, In : E.S.B., Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980, v. 9, p. 185-208.

. FREUD, S. (1910 [1909]) Cinco lições de psicanálise, In: E.S.B., Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980, v.11,p.3-51.

. FREUD, S. (1910) Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância, In : E.S.B., Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980, v. 11, p. 55-124.

. FREUD, S. (1910) As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica, In : E.S.B., Rio de Janeiro, Imago Editora,

1980, v. 11, p. 127-136.

. FREUD, S. (1910) Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens, In : E.S.B., Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980, v. 11, p. 149-157.

. FREUD, S. (1910) A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão, In : E.S.B., Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980, v. 11, p. 193-203.

. FREUD, S. (1912) Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise, In : E.S.B., Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980, v. 12, p. 147-159.

. FREUD, S. (1911) Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental, In : E.S.B., Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980, v. 12, p. 273-286.

. FREUD, S. (1913 [1912-13]) Totem e Tabu, In : E.S.B., Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980, v. 13, p. 13-191.

. FREUD, S. (1913) O interesse científico da psicanálise, In: E.S.B., Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980,v. 13,p. 199-226.

. FREUD, S. (1914) O Moisés de Michelangelo, In : E.S.B., In: E.S.B., Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980, v. 13,p.249-280.

. FREUD, S. (1914) Sobre o narcisismo : uma introdução, In: E.S.B., Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980, v. 14, p.85-119.

. FREUD, S. (1915) Os instintos e suas vicissitudes, In : E.S.B., Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980, v. 14,p.129-162.

. FREUD, S. (1915) Repressão, In : E.S.B., Rio de Janeiro , Imago Editora, 1980, v. 14, p. 165-182.

. FREUD, S. (1915) O inconsciente, In : E.S.B., Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980, v. 14, p. 183-245.

. FREUD, S. (1917 [1915]) Luto e Melancolia, In : E.S.B.,Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980, v. 14, p. 271-291.

. FREUD, S. (1916) Alguns tipos de caráter encontrado no trabalho psicanalítico, In : E.S.B., Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980, v. 14, p. 351-377.

. FREUD, S. (1917 [1916-17]) Conferências introdutórias sobre psicanálise, 17, In : E.S.B., Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980, v. 16, p. 305-322.

. FREUD, S. (1917 [1916-17]) Conferências introdutórias sobre psicanálise, 18, IN : E.S.B., Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980, v. 16, p. 323-336.

. FREUD, S. (1917 [1916-17]) Conferências introdutórias sobre psicanálise, 20, In : E.S.B., Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980, v. 16, p. 355-373.

. FREUD, S. (1917 [1916-17]) Conferências introdutórias sobre psicanálise, 21, In : E.S.B., Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980, v. 16, p. 375-395.

. FREUD, S. (1917 [1916-17]) Conferências introdutórias sobre psicanálise, 22, In : E.S.B., Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980, v. 16, p. 397-417.

. FREUD, S. (1917 [1916-17]) Conferências introdutórias sobre psicanálise, 23, In : E.S.B., Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980, v. 16, p. 419-439.

. FREUD, S. (1917 [1916-17]) Conferências introdutórias sobre psicanálise, 26, In : E.S.B., Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980, v. 16, p. 481-502.

. FREUD, S. (1917) Uma recordação de infância, In : E.S.B., Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980, v. 17, p. 183-195.

. FREUD, S. (1920) Além do princípio do prazer, In : E.S.B., Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980, v. 18, p. 13-85 .

. FREUD, S. (1921) Psicologia de grupo e análise do ego, In: E.S.B., Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980, v. 18, p.89-179.

. FREUD, S. (1923 [1922]) Dois verbetes de enciclopédia, In: E.S.B., Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980, v. 18,p.285-312.

. FREUD, S. (1923) O ego e o id, In : E.S.B., Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980, v. 19, p. 13-83.

. FREUD, S. (1924 [1923]) Neurose e psicose, In : E.S.B.,Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980, v. 19, p. 187-193.

. FREUD. S. (1924) A dissolução do complexo de Édipo, In : E.S.B., Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980, v. 19,p.215-224.

. FREUD, S. (1924) A perda da realidade na neurose e na psicose, In : E.S.B., Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980 , v. 19, p. 227-234.

. FREUD, S. (1925) A negativa, In : E.S.B., Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980, v. 19, p. 293-300.

. FREUD, S. (1926 [1925]) Inibições, sintomas e ansiedade , In : E.S.B., Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980, v. 20, p. 95-200.

. FREUD, S. (1930 [1929]) O mal-estar na civilização, In : E.S.B., Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980, v. 21,p.75-171.

. FREUD, S. (1933 [1932]) Novas conferências introdutórias sobre psicanálise, 31, In : E.S.B., Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980, v. 22, p.75-102.

. FREUD, S. (1933 [1932]) Novas conferências introdutórias sobre psicanálise, 32, In : E.S.B., Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980, v. 22, p. 103-138.

. FREUD, S. (1939 [1934-38]) Moisés e o monoteismo : três ensaios, In : E.S.B., Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980, v. 23, p. 13-161.

. FREUD, S. (1940 [1938]) Esboço de psicanálise, In: E.S.B., Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980, v. 23, p. 165-237.

. FREUD, S. (1937) Construções em análise, In: E.S.B., Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980, v. 23, p. 289-304.

. FREUD, S. (1940 [1938]) A divisão do ego no processo de defesa, In : E.S.B., Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980, v. 23, p. 305-312.

. GREEN, A. (1973) O discurso vivo, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1982.

. GREEN, A. L'idéal : Mesure et démesure, Nouvelle Revue de psychanalyse, n. 27, p. 8-33, 1979.

. HEIMAN, P. (1943) Certas funções da introjeção e da projeção no início da infância, In : Riviere, J., org. Os progressos da psicanálise, Rio de Janeiro, Zahar Editores , 1982.

. HONIGSZTEJN, H. Notas sobre a criação artística - Manuscrito, sem data.

. ISAACS, S. (1943) A natureza e a função da fantasia, In : Riviere, J., org. Os progressos da psicanálise, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1982.

. KLEIN, M. (1943) Algumas conclusões teóricas sobre a vida sexual dos bebês, In : Riviere, J., org. Os progressos da psicanálise, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1982.

. KLEIN, M. (1932) Psicanálise da criança, São Paulo, Mestre Jou, 1975.

. KLEIN, M. (1921) Contribuições à Psicanálise, São Paulo , Mestre Jou, 1981.

. KLEIN, M. e RIVIERE, J. (1937) Amor, Ódio e Reparação, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1975.

. KRIS, E. Psicanálise da obra de arte, São Paulo, Editora Brasiliense, 1968.

. LAPLANCHE, J. Problématiques 3, La sublimation, Paris, P.U.F., 1980.

. LAPLANCHE, J. (1970) Vida e morte em psicanálise, Santos, Martins Fontes Editora Ltda., 1979.

. LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.B. (1985) Fantasia originária, fantasias das origens, origens da fantasia, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988.

. LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.B. (1967) Vocabulário da psicanálise, Santos, Martins Fontes Editora Ltda., 1979.

. LIMA, J.F. Psicanálise e Arte, Cadernos de Psicanálise, n.9, 1988, p.44-46.

. LUQUET, P. Les identifications précoces dans la structuraction et la restructuration du moi, Revue Française de Psychanalyse, n. 31, esp., 1962, p. 131-140; 154-162;193-199.

. MELTZER, D. (1973) Estados sexuais da mente, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1979.

. MILMER, M. (1969) Le role de l'illusion dans la formation du symbole, 8, Revue Française de Psychanalyse, n. 43, 1979, p. 841-873.

. PERESTRELLO, M., EKSTERMAN, A. et alii. Sublimação - Manuscrito, 1973.

. PROUST, M. (1905). Sobre a leitura, Campinas, S.P., Editora Pontes, 1989.

. RIVIERE, J. (1936) Sobre a gênese do conflito psíquico nos primórdios da infância, In : Riviere, J., org. Os progressos da psicanálise, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1982.

. SAUSSURE, F. (1916) Curso de linguística geral, São Paulo, Editora Cultrix, 1972.

. SCHIMMEL, I. Quelques réflexions sur le rapport qui lie le refoulement a la capacité a symbolizer, Revue Française de Psychanalyse, n. 43, 1979, p. 1097-1118.

. WINNICOTT, D.W. (1971) O brincar e a realidade, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1975.

. ZAIDAM, M. Sublimação - Manuscrito, sem data.

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ, fazendo parte da Banca Examinadora os seguintes professores:

PROFª CLAUDIA AMORIM GARCIA

Profª Orientadora - PUC/RIO

PROFª ANNA CAROLINA LO BIANCO

PUC/RIO

PROFª ANGELA BARAF PODKAMENI

PUC/RIO

Visto e permitida a impressão.

Rio de Janeiro, 31.01.1990

PROF. EDUARDO JARDIM DE MORAIS

Coordenador dos Programas de Pós-Graduação do Centro de Teologia e Ciências Humanas.